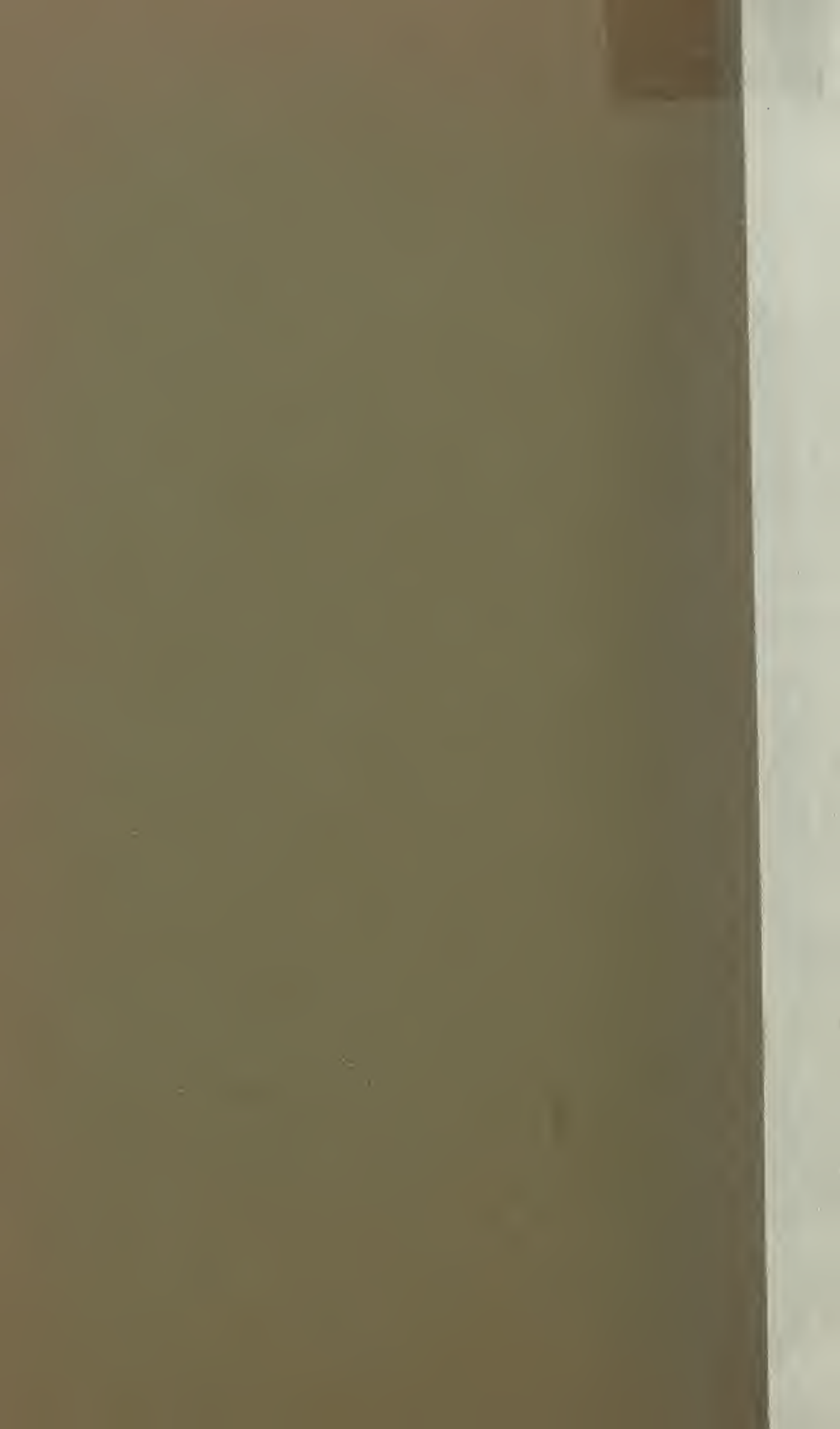


3 1761 06632971 5

BRIEF

PN

00 32224



BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

THEATRO

XVIII

O SAPATINHO DE SETIM

Comedia em tres actos

FERNANDO CALDEIRA

O SAPATINHO DE SETIM

Comedia em tres actos

Representada pela primeira vez no Theatro de D. Maria II



LISBOA
J. RODRIGUES & C.^a, EDITORES
180 — Rua Aurea — 188
1915

FERNANDO CALDEIRA

A livraria Rodrigues tomou a iniciativa da publicação d'uma comédia inédita de Fernando Caldeira: *O Sapatinho de Setim*. O meu velho amigo Dr. Luiz Ottolini quiz ter a bondade de pedir-me algumas palavras que acompanhassem a edição : com o maior orgulho as escrevo.

Tenho de Fernando Caldeira, da sua elegancia fidalga, da eloquencia romantica do seu lyrismo, da nobre distincção da sua figura, as recordações mais affectuosas e mais vivas. Era uma creança ainda quando o conheci. Elle e meu pae emendaram os meus primeiros versos. A sua obra, cheia de ternura e de côr, de leveza e de graça, ao mesmo tempo luminosa e fresca como uma aguarella, produziu no meu espirito juvenil a impressão de um deslumbramento. Estimei-o e admirei-o, com o alvoroço dos

quinze annos. Passaram-se agora mais vinte; atravessou a minha vida a tempestade do mais intenso labôr litterario; os cabellos começam hoje a embranquecer-me, — e na minha admiração de infancia pela obra de Fernando Caldeira — nada mudou.

Se tivesse, n'este momento, mais saude e mais tempo, havia de comprazer-me na carinhosa tarefa de estudar o theatro do pobre e querido Fernando, as influencias que o produziram, as qualidades que o caracterisaram, tudo quanto o seu espirito trouxe de novo e de immortal para a creação da comédia lyrica portugueza. Infelizmente, escrevo a correr, em tão apertado tempo, que não chegaria para desfolhar um ramo de rosas sobre a sua sepultura. Que o faça quem, mais tarde, organizar o quadro da dramaturgia portugueza no ultimo quartel do século XIX, — o periodo em que, evidentemente, principiou a definir-se e a caracterisar-se o germen de um theatro nacional. A par de Lopes de Mendonça — a epopéa —; de D. João da Camara — a écloga —; de Eduardo Schwalbach — a fantasia —; de Marcellino Mesquita — a acção —; Fernando Caldeira ficou como a expressão d'uma modalidade nova: o lyrismo. A *Madrugada* e a *Mantilha de Renda* são, fundamentalmente, poemas lyricos. Mesmo quando escrevia em prosa, como no *Sapatinho de Setim*, Fernando Caldeira, cuja fidalga mão calçava pela luva de gamo

de Musset, manteve-se, pela natureza da concepção, pelo character especial dos elementos dramaticos, pela infinita delicadeza da expressão verbal, um nobre e admiravel poeta. E' como poeta que elle deve ser julgado. Foi como poeta que elle viveu a sua existencia inteira. Feliz? Desgraçado? Quem o sabe! Raras vezes são felizes aquelles a quem coube em sorte a costella d'ouro de Jupiter. O lyrismo é uma doença com que se vive — e de que se morre. Acaba de o de dizer ao meu lado uma creança gentilissima, dando lição á sua méstra ingleza:

— Não se esqueça, *baby*, de que o poeta Milton era cego.

— Não, *miss Mary*.

— Então diga lá, *baby*, qual era a enfermidade de Milton?

— Era poeta.

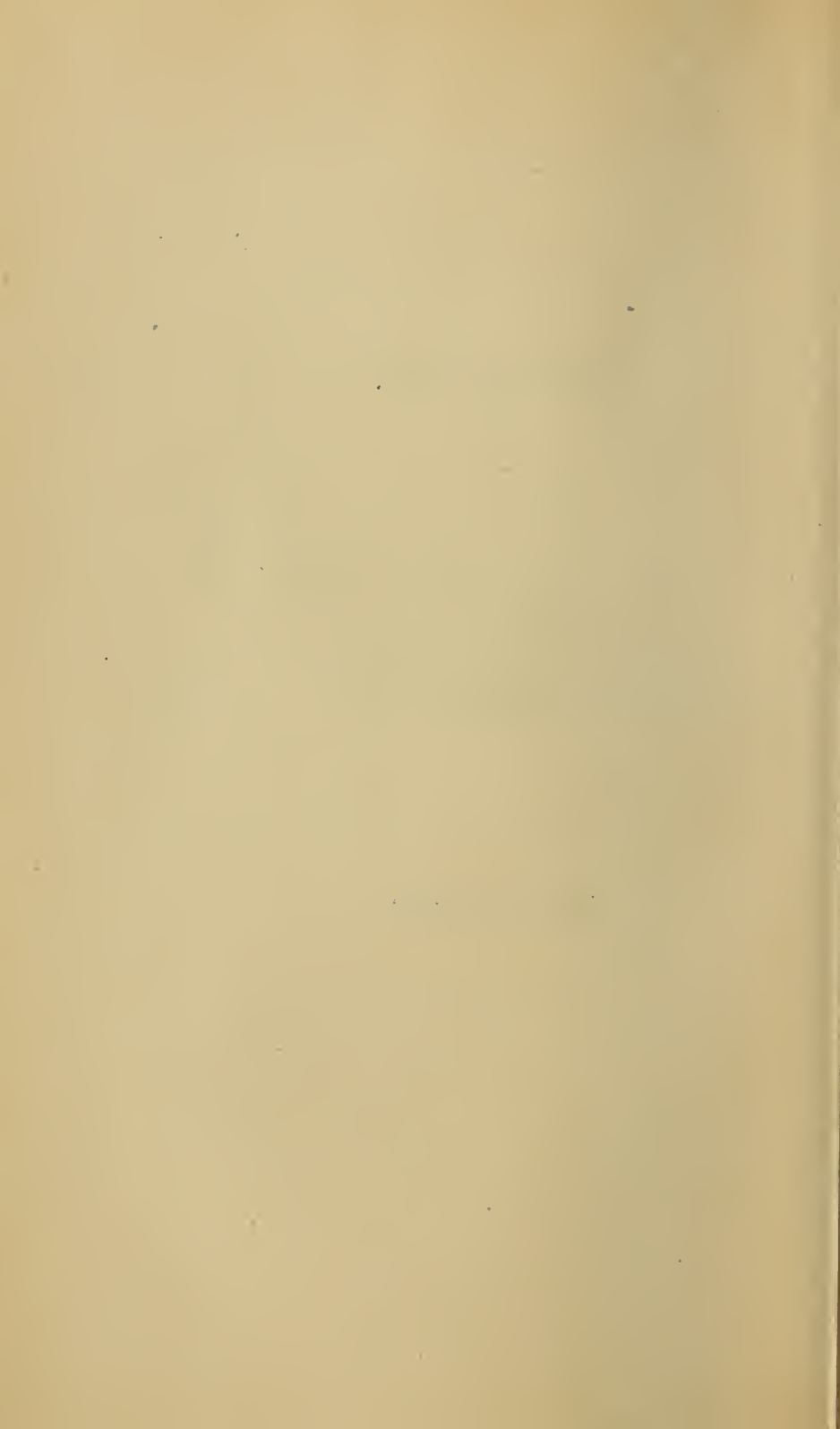
Julio Dantas



PERSONAGENS

D. Belchior.....	40	anos
Frederico, Conde de Trofa.....	25	»
D. Leonor (viuva)... ..	25	»
Sophia, Viscondessa de Valdomar	19	»
Daniel (creado).....	70	»
Beltrão (capitão reformado).....	60	»
D. Leocadia (sua mulher).....	50	»

Actualidade





ACTO PRIMEIRO

A Scena: Uma sala d'uso, especie d'escriptorio—Uma porta ao centro fundo—Duas á direita communicando com quarto, outra á esquerda e uma janella —Uma secretaria, tinteiro, etc.—Estante com livros—Meza com jornaes e livros, e um pequeno cofre contendo um sapatinho de setim da actriç Sophia—Tudo o mais elegantemente mobilado.

E' a mesma scena para os tres actos.

SCENA I

D. BELCHIOR E DANIEL

D. BELCHIOR *(Acabando de escrever uma porção de cartas)*

E ahi tens tu meu Daniel, como é que, n'esse cofre, onde qualquer dos espiritos frivolos, que vão boiando nos acontecimentos da vida como folhas

cahidas n'um veio d'agua, veria apenas um bilhete de loteria d'Hespanha que um telegramma annunciou premiado com o premio grande, eu *(abrindo o cofre)* vejo um...

DANIEL *(Sorrindo)*

Um sapato de setim!...

D. BELCHIOR

Hein! Que!? *(despeitadissimo)* E' bôa! Que!... Mas então Frederico não disse que era aqui que levava o bilhete?

DANIEL

Não, meu senhor. O senhor conde o que disse quando me deu ordem de o esperar á noute no Caminho de Ferro com a mala e este saquinho, foi que: sem o *seu thezouro* é que elle não ia para Hespanha. E V. Ex.^a sabe muito bem que elle desde hontem, não pensa senão no pé que deixou cahir esta *reliquia*.

D. BELCHIOR

E' boa! Como eu pude illudir-me! Com effeito para que levar o bilhete no cofre quando muito mais seguro o leva na sua carteira? Não pensei. *(levanta-se, pegando no sapatinho e com um sorriso de delicada inspiração)*. E comtudo como no remate d'aquellas minhas phra-

ses sahiu bem o delicado sapatinho!... Oh! sim! Daniel, quem nos diz que a nossa fortuna não foi obra d'uma fada, a maravilhosa influencia do pé feiticeiro que em nosso caminho deitou este encanto?... Infeliz em amores, feliz ao jogo, diz o dictado. (*Senta-se*) Queres vêr, Daniel. Nós jogámos em casa do Marquez e ganhámos, tivemos, pois, de demorar-nos. Era uma hora quando nos apeavamos para entrar no baile da commissão beneficente, perto da porta encontrámos o cautelleiro que nos tentou a comprar o bilhete.

Foi, justamente, no momento em que Frederico pagava ao cautelleiro que sahiu a dona do sapatinho, que o teria endoidecido se elle a visse, e como teve a *infelicidade* de a não vêr, a fada, ao entrar no coupé, resvalando-lhe o pé no estribo, deixou cahir o sapatinho debaixo do trem que partiu immediatamente, deixando ao meu pobre amigo a consciencia do que perdeu.

Eis a *infelicidade no amor* que horas mais tarde tinha, para a plena confirmação do aphorismo, a compensação da *felicidade* no jogo da loteria. Se tivessemos perdido em casa do Marquez, teriamos sahido mais cedo, não encontraríamos o cautelleiro e teriamos visto no baile o feiticeiro pé que, no turbilhão da valsa, multiplicaria o relampago que sobre o estribo do coupé nos deslumbrou e nos

endoideceu. Teria sido a infelicidade no jogo á custa d'uma felicidade no amor... Porque nós amariamos, nós adorariamos aquelle pé. Nós... quero dizer—eu não, mas Frederico, esse doido que parece que tem por vizão dilecta dos seus sonhos um paggaio a quem a cada suspiro murmura—dá cá o pé —*(levanta-se)* Nunca comprehendi aquella tolice do teu amo pelos pés bonitos.

DANIEL

Foi sempre aquillo! V. Ex.^a não vê o atelier? Não vê a quantidade de pésinhos que elle lá tem de marmore?! *(sobe e vae sentar-se na cadeira que está a direita)* O mestre d'esculptura mesmo dizia que, se o snr. conde chegasse a modelar o busto e o corpo com a perfeição a que chegou na esculptura do pé, seria o primeiro escultor do seu seculo. E' uma mania. Em Napoles teve um duello, em que foi ferido, por causa d'um pé, que desde Roma seguiu até lá, e o mais bonito foi que só depois, recebendo uma visita da agradecida dama e do marido, foi que reparou que era uma matrona veneranda, velha e feia como uma bruxa a dona do tal pésinho. Doeulhe mais esse despeito do que a estocada.

D. BELCHIOR

Sim, sim, eu comprehendo isso. Comprehendo

tudo menos o pé. O motivo é futil e ridiculo, mas a aventura tem finura e elegancia. Eu adoro as aventuras na mocidade. Eu não tive, é certo, uma aventura d'essas. . Não tive, mas podia havel-a tido *(escrevendo subscriptos)* Não achas que muito bem podia havel-a tido? *(á parte, ao alfaiate)* E' que eu adoro as aventuras elegantes *(á parte, ao camizeiro)* . . . com que o snr. conde foi ferido!! *(á parte, ao cabelleireiro)* Pois admira porque nós. . . *(á parte, á Companhia dos trens)* porque nós jogamos bem as armas.

DANIEL

Quanto a V. Ex.^a não sei, porque ainda não vi. Agora quanto ao snr. conde foi ferido levemente, tendo duas ou tres vezes tocado com a ponta do florete no peito do adversario sem o ferir, quando se quizesse o teria atravessado. Na Italia mesmo onde elles são frequentes era o snr. conde justamente considerado um esgrimista muito notavel.

D. BELCHIOR

Pelo que todo te desvaneces meu velho Daniel.

DANIEL

E' certo, meu senhor, que me lembro com orgulho de que foi o seu primeiro mestre o velho Daniel.

D. BELCHIOR

Prompto finalmente *(levanta-se)*. Vês Daniel? *(pegando no masso de cartas e apontando as pennas com que escrevera)*. E' com penas novas que as velhas penas se sobterram, dizem os doutores do coração, por isso renovei eu todas as pennas com que ia escrever para dar a primeira cavadella nas minhas penas de ha tanto tempo. Vês... *(mostrando as cartas)* vaes mandar distribuir todas estas cartas. Circular em que convido todos os meus credores.

DANIEL

Bem pouco dado a penas e tristezas me parece V. Ex.^a que, louvado Deus, é a encarnação da alegria, mas, se com effeito tem V. Ex.^a penas, que disfarce n'essa alegria, o que pode, meu senhor, haver de commum entre ellas e os seus credores?

D. BELCHIOR

E' boa! Daniel... é boa! O que ha de commum, ha que sendo as minhas dividas as minhas maiores penas, nunca um credor me levou pena d'essas, que eu não ficasse depennado. Aqui tens — dize Daniel, tu nunca tiveste dividas?

DANIEL

Não, meu senhor.

D. BELCHIOR

Não negues. Tens sim. Não admitto que não tenhas. E' que não deste ainda por isso. Tu tens horas de tristeza... Tu sonhas... Tu tens distrações frequentes... Tu és dado a vagas cogitações... Tu, mesmo inconsciente, suspiras uma redondilha qualquer quando a calhandra canta nos ares a madrugada que chega. Tu foges de ti mesmo... A enfermidade pode estar latente, mas os symptomas lá estão, tu tens dividas. *(dando-lhe uma pena)* Toma. Convoça ahi todos os credores. Eu pago-te as dividas, meu velho. A nossa felicidade é grande de mais para que os seus raios não cheguem a todos os que se nos aproximam.

DANIEL

Pois meu senhor, não tenho nem tive nunca dividas, pelo menos d'essas.

D. BELCHIOR

Desgraçado. O' desgraçado... Eu quero logo emprestar-te algum dinheiro. Ouviste Daniel. Que! pois tu havias de passar teus dias sem ter tido uma divida! O' Daniel tu és feliz, mas não o sentes porque vaes a dormir e eu vou acordar-te.

DANIEL

Pois d'esta vez não entendo, não se enfade V. Ex.^a com a minha rudeza.

D. BELCHIOR

Escuta. Tu não tiveste nunca uma doença? Um typho? Uma pneumonia? Uma escarlatina, homem? *(contrariado com os gestos negativos de Daniel)* Ao menos, uma escarlatina, o sarampo?

DANIEL

Nunca, meu senhor, nem uma constipação. Deverei isso muito á minha boa organização e á vida regulada que levo, mais ainda talvez á boa educação phisica que de criança me deram, mas a quem eu o agradeço é á divina providencia!

D. BELCHIOR

Pois, meu amigo, não percas tempo, é preciso que acordes tambem d'esse teu somno. Hoje mesmo, é preciso que hoje mesmo me faças a condescendencia de te constipares e de contrahir uma divida se...

DANIEL

Peço perdão a V. Ex.^a. Agora me acode á lembrança que em tempos tive com effeito uma constipação. Foi, ha já bem annos, na Russia, onde com o snr. conde, que Deus haja...

D. BELCHIOR

Ah! Constipaste-te... Daniel?

DANIEL *(Com saudade)*

Bello tempo!

D. BELCHIOR

Em bom tempo! Melhor. Optimo. São as que se apanham em bom tempo as constipações que mais custa a curar. Excelente... Espirraste muito? Inchou-te o nariz? Tossias bem toda a noute? *(enthusiasmado com os signaes affirmativos de Daniel)*. Espirravas muito? . . Mesmo muito? Dá cá um abraço, Daniel. Parabens. Pois as dividas são a constipação de todas as nossas alegrias, de todos os nossos prazeres... Imagina a maior ventura, a mais divina ventura... uma divida, uma pequena divida a constipa. Enquanto o homem mais feliz tiver uma divida, a sua ventura está de capote, coberta de flanellas, em copiosa transpiração, rodeada de tizanas e xaropes e tem os olhos pequenos, o nariz inchado e vermelho, tosse, espirra, falla fanhoso, é triste, impertinente, insupportavel. Assim era eu hontem meu amigo, esta manhã ainda, antigamente n'uma palavra que o horror d'esta recordação a lance lá para as profundas do passado. Eu era feliz mas...

(Tocam á campainha, 'Daniel sahe.)

SCENA II

D. BELCHIOR

Outro convite, outro jantar, outro baile, outra festa emfim.

E' impossivel porém, este acontecimento traz-nos o imperioso dever d'um festejo que não pode ser senão aqui.

SCENA III

D. BELCHIOR E DANIEL

DANIEL *(Entrando)*

E' o criado da...

D. BELCHIOR *(interrompendo)*

Da senhora Marqueza d'Assequim?

DANIEL

Não, meu senhor, é...

D. BELCHIOR *(Interrompendo)*

Ah! sim, da condessa de Villarinho, dos viscondes de Mondim, de S. Lucas, dos condes d'Esmoriz *(tolhendo a Daniel a negativa que quer dizer-lhe)* já sei, já sei, é da senhora marqueza de Grijó!

DANIEL (*Meio impacientado*)

Não é meu senhor.

D. BELCHIOR

Finalmente é um baile, um almoço, um jantar, uma festa enfim onde se precisa de D. Belchior, é a contradança que pede a sua animação, o cotillon que reclama o seu rei, a valsa que suspira pela sua vertigem. Ah! Daniel é que conheço-os e conheço-me. Que seria o signal da contradança, o preludio da valsa, sem a comoção vivissima que de repente leve a cada formosa a insoffrida anciedade d'esta esperança. «Talvez elle agora dance comigo» Elle... O' Daniel! Elle! E elle quem?... Elle o leão das salas, elle a estrella do high-life.. Elle, eu!... Elles podem lá dançar sem mim? Elles podem lá jantar, fazer um brinde sem mim! Um brinde. Nem os criados se movem, nem tinem os crystaes, nem as garrafas estalam, nem os lumes brilham... Só a minha palavra inspirada é que vae como o clarão da electricidade atear n'aquelles olhos amortecidos as alegrias da festa; só a rajada do meu talento sabe percorrer a meza inteira, alevantando ondas d'espuma nas taças de champagne esquecidas para alli como tigellas de canja...

Dize, pois, ao creado da senhora marqueza...

DANIEL

Perdôe-me V. Ex.^{ta}. E' o creado da senhora D. Leonor. Suas excellencias perguntam se V. Ex.^a estava em casa e pedem-lhe a bondade de antes de sahír lhes dar dous minutos.

D. BELCHIOR

Oh! minhas encantadoras visinhas! Corre Daniel, corre, a dizer ao criado que eu vou immediatamente aos pés de SS. Ex.^{as}. (*Sahe Daniel*).

SCENA IV

D. BELCHIOR

Oh! D. Leonor, ai! minha formosa D. Leonor. Delicioso nome para se suspirar... e então como ella é todo romantica... e que olhos!... que olhos!... Decedidamente a noute d'aquella viuvez começa a abrir o seu manto negro a uma nova madrugada... E agora, agora que eu sou bastante rico para que ninguem attribua a cupidez o meu casamento, agora que a sorte me fez capitalista, posso bem pertender a opulenta e formosa viuvinha. Ah! foi sempre o que me faltou... um pedestal d'ouro... Eu darei então relevo ao meu merito e eu vos dominarei ignorantes e inuteis.

SCENA V

D. BELCHIOR, D. LEONOR, SOPHIA

(Daniel annunciando e sahindo)

DANIEL

A Senhora D. Leonor e a Senhora D. Sophia.

D. BELCHIOR

Oh! minhas senhoras, minhas adoraveis visinhas, justamente eu voava aos pés de V. Ex.^{as}.

D. LEONOR

Muito lhe agradecemos, mas nem quizemos que se incomodasse, nem podiamos moderar a nossa impaciencia.

D. BELCHIOR

Eis-me á disposição de V. Ex.^{as}, e notem que antes mesmo das suas ordens já eu tencionava entrar para casa de V. Ex.^{as} e fazer-lhes um pedido; vejam como lhes pago mal tanta amabilidade *(senta-se)*.

D. LEONOR

Ora.. isso sim!

D. BELCHIOR

E' certo minha senhora, é certo... mas é tão

dôce ao coração juntar á mais viva sympathia a maior gratidão!

D. LEONOR

Como é amavel.

SOPHIA

Mas, minha querida madrinha ainda não dissemos ao snr. D. Belchior o que aqui nos trouxe.

D. BELCHIOR *(A parte contrariado)*

Que rapariga!!

(alto) E' verdade, é verdade, ainda não disseram.

—... Digam, minhas encantadoras vizinhas, digam tarde e *(cortejando D. Leonor)* levem muito tempo a dizer... *(galanteando)* Pedi-lhe um impossivel, minha senhora!

D. LEONOR

Um impossivel?!

D. BELCHIOR

Pedi-lhe que levasse muito tempo a dizer e eu havia d'escutal-a a vida inteira; sentindo que a vida fôra uma hora apenas e a mais fugitiva.

D. LEONOR *(Seria)*

A vida toda?...

SOPHIA *(Impaciente)*

O' madrinha então não quer perguntar ?

D. BELCHIOR *(A' parte e contrariadissimo)*

E' boa! que rapariga! é boa! Como isto ia agora de carrinho!... E' inconvenientissima a pequena.

D. LEONOR

Tens razão. Dize tu, dize, minha filha.

SOPHIA

E' que eu e minha madrinha ficámos agora tão assustadas com uma despedida, que nos fez o amigo e protegido de V. Ex.^a o snr. Frederico, que vimos aqui pedir-lhe que nos tranquilise receiosas como ficámos de que algum acontecimento grave e talvez desgraçado o levasse, no estado de exaltação em que a madrinha o viu, porque a mim nem adeus me disse o snr. Frederico.

D. BELCHIOR *(A' parte)*

E' pena!... Pois aperta os pés n'um torniquete se queres agradar-lhe minha Julieta de pé torto

SOPHIA

Diz que ia pallido, fatigado quasi sem poder respirar. Disse que naturalmente partia hoje para Hes-

panha e sem responder ás perguntas que a madrinha lhe dirigiu, partiu correndo a gritar adeus, adeus, e lá vae.

D. LEONOR

E' verdade D. Belchior, parecia louco. Não imagina.

D. BELCHIOR *(Com exaltação)*

Loucos, sim, minhas senhoras. Loucos porque a alegria, a ventura podem causar a loucura e eu peço licença ás minhas interessantissimas vizinhas para lhes mostrar como é que a sensação d'uma grande alegria perturba o exercício natural das nossas faculdades, sempre mais ou menos, e como essa perturbação pode ás vezes ser tão violenta, que

SOPHIA *(Interrompendo impaciente)*

Perdôe-me se o interrompo, mas diga-nos por Deus o que succedeu de extraordinario ao seu amigo e porque vae para Hespanha?

D. BELCHIOR *(Desesperadamente)*

(A' parte)

E' boa! Esta pequena é simplesmente insuportavel! Diz Frederico que é pena não ter ella pés! Eu acho que ella não tem pés nem cabeça... *(Alto)* Eu

digo, eu digo, minhas senhoras... Imaginem V. Ex.^{as} que a fortuna acaba de illuminar a nossa existencia com um dos seus mais esplendidos sorrisos...

D. LEONOR E SOPHIA *(Com alegria)*

Sim!!

D. BELCHIOR

Durante os tres annos, em que meu tio deve restituir-nos, completamente reorganizada, a administração da minha fortuna livre e desembaraçada dos encargos que mais ainda o desleixo na administração do que as extravagancias de rapaz e d'incançavel viajante me fizeram contrahir, n'estes tres annos que nos condemnámos a viver modestamente em Lisboa com a pequena mezada ou annuidade d'uma dezena de contos de reis, suspendendo as nossas viagens, é nosso capricho nada pedir ao nosso tio, além d'aquella cifra. Mas o certo é que nem eu nem Frederico temos o menor geito para administrar e menos ainda para economisar, d'aqui uma tal ou qual complicação nos nossos negocios que, por mais interina e por assim dizer voluntaria que fosse, nos contrariava por vezes.

Pois, minhas senhoras, na melhor occasião presenteia-nos a sorte com o primeiro premio na loteria d'Hespanha numero 3036. Ahi tem V. Ex.^{as} a

explicação da nossa alegria. Para Frederico é a riqueza, para mim é apenas o prazer de não ter de reclamar de meu tio uma modificação da combinação que fizemos.

D. LEONOR

E qual é a cifra do premio?

D. BELCHIOR

Cem mil duros, cerca de cem contos de reis.

D. LEONOR

Felicito-o pois, D. Belchior, e bem sabe que é do coração.

SOPHIA

E' bem extraordinario! Não pensava que o snr. Frederico fizesse grande caso do dinheiro!...

D. BELCHIOR

(A parte)

Podéra! Com 50 ou 60 contos de renda *(alto)* Perdão minha senhora, Frederico é sem duvida até em demazia desprendido do dinheiro. E' até admiravel a grandeza d'alma com que tão depressa se affez áquella prodigalidade, não direi de perdulario mas prodigalidade elegante, fidalga, como se nascido fôra em brocados e setim, elle o modesto camponez na sua origem, como V. Ex.^{as} sabem, que a es-

tas horas seria, que sei eu? para ahí um pobre jornaleiro se um capricho da sorte...

D. LEONOR

Diga antes se o seu generoso coração lhe não tivera sido providencia.

D. BELCHIOR *(levanta-se)*

Pelo amor de Deus, minhas senhoras não tomem V. Ex.^{as} á conta de boa acção o que talvez não tenha sido senão um capricho, uma extravagancia.

SOPHIA

Oh! Não amesquinhe assim a grandeza da sua alma. Que! recolher uma pobre creança, o filho d'um dos seus cazeiros, cercal-o d'affetos e carinhos primeiro, apresental-o depois nos primeiros collegios d'Allemanha, e em seguida nos Cursos Superiores da Belgica, dando-lhe finalmente a mais brilhante educação é apenas um capricho? Uma extravagancia?

D. BELCHIOR

Perdão minha senhora, mas tudo isso fíl-o já ao amigo, ao filho, ao irmão que todos esses affectos resumo na affeição que tenho a Frederico. O ponto de partida foi a adopção da pobre creança destinada a uma vida obscura e talvez difficil, e isso não mereci porque muito sinceramente adoptei-o por egoismo,

porque enfim, gostei sempre loucamente de creanças e...

D. LEONOR

Como todos os excellentes corações. Ai! eu morro por creanças. Não faz ideia, o meu eterno desgosto é que Deus não tenha abençoado o meu primeiro matrimonio com um filho, que seria agora, a consolação da minha viuvez ..

D. BELCHIOR *(Aparte)*

Primeiro matrimonio! Ou o meu criterio é igual a zero ou primeiro dá ideia de segundo que ella já tem engatilhado. Alerta Belchior, eu atiro-me *(alto)* O que é certo, minha senhora, é que hoje a convivencia com Frederico é para mim uma necessidade imperiosa não somente um prazer do coração. Parece que elle me vive uma porção da minha propria vida. Deixem-me V. Ex.^{as} assim expressar-me, que eu sem elle não saberia viver. Somos bem de veras inseparaveis, e se m'o matassem, haviam de enterrar-me com elle. *(Senta-se)*

SCENA VI

OS MESMOS E DANIEL *(que pára á porta com uma carta na mão.*

D. BELCHIOR *(continuando)*

Já V. Ex.^{as} veem que se com tão avultados

bens de fortuna como possuo me fôra sacrificio o dispendio da educação completa do meu Frederico, não só em cursos scientificos, mas nos artisticos, premio demasiado d'esse sacrificio é, quando a toda a hora na intimidade da nossa convivencia, sinto desvanecer-se-me o coração com o pensamento de que se é purissima a agua d'aquelle diamante, a lapidação foi minha. As delicias d'esta vaidade são o melhor premio de quanto bem lhe fiz.

DANIEL *(Aparte e sorrindo benevolo)*

Eu nunca vi mentir tão correntemente! Até elle acredita no que diz.

D. BELCHIOR *(Vendo entrar Daniel)*

Que é? *(levanta-se)*.

DANIEL

Uma carta urgente para V. Ex.^a

D. BELCHIOR *(Reconhecendo a letra)*

E' uma carta de Frederico... V. Ex.^{aa} per-mittem?

SOPHIA E D. LEONOR

Pois não! *(Sophia levanta-se)*.

D. BELCHIOR *(Lendo-a rapidamente)*

Muito bem. Dize que fica entregué. *(Ponho a carta sobre a meza. Daniel sahe.)*

SCENA VII

D. BELCHIOR, D. LEONOR E SOPHIA

D. BELCHIOR

E' uma boa nova. Frederico diz-me que quasi de certo não partirá, tel-o-hemos portanto no nosso festejo...

SOPHIA

Ah! Não vae! Mas a que festejo se refere V. Ex.^a?

D. BELCHIOR

E' verdade!... Então que distracção a minha!... E d'ahi... quem sabe? Talvez quem levasse a bussola ao pé da estrella do norte a visse tremula e vacillante como se exactamente na mais impetuosa insistencia d'aquella atracção perdesse essa atracção fatal alguma cousa da sua fixidez e firmeza... Os extremos tocam-se... é isso... e por isso aos pés das minhas encantadoras vizinhas encontro eu ás vezes vario e vagabundo o pensamento como se distante as tivera.

D. LEONOR *(Levanta-se)*

E' muito amavel D. Belchior. Eis o que se chama o primor da mais elegante cortezia. Essa amabilidade porém não denuncia só o fino cortezão, denuncia tambem o poeta d'eternas juventudes que tem na alma a inexgotavel florescencia do enthusiasmo.

D. BELCHIOR

(A' parte)

Caspite... como a viuvinha já se explica!...
(alto) O' minha senhora! A's vezes são as mais velhas do rosal, as roseiras que mais s'enfloram para as auras da primavera. Poeta!... e como não sel-o, se tão perto a encantada inspiração...

SOPHIA

(Deixa cahir o livro que tem tirado de sobre a meza em que está folheando com impaciencia, de proposito para atalhar a falla e em quanto D. Belchior se curva a apanha-lo e lh'o offerece diz.)

Obrigada... O' D. Belchior olhe que ainda não nos disse qual é o tal festejo.

D. BELCHIOR *(A' parte e indignado)*

Hein! E' uma rolha! Não deixa fallar ninguem! E' boa ..que rapariga! Se fosse deputado era apagador! E' boa.

SOPHIA *(Julgando-o esquecido)*

Pois não se lembra de que nos disse que o snr. Frederico seria tambem do nosso festejo?

D. BELCHIOR

E' exacto, é exacto. Vou pois formular o meu pedido... Ao receber a boa nova que communiquei a V. Ex.^{as} disse comigo. Para a expansão da nossa alegria partilhemol-a com bons amigos.

Pensámos pois reunir em muito limitada soirée os nossos intimos. Mas, bem sabem V. Ex.^{as} festas sem senhoras não é festa, é um martyrio em que as saudades d'ellas a todos nos matam. Terão as nossas amaveis vizinhas a paciencia de vir mais uma vez ser donas d'esta casa esquecendo generosamente que não poderão nunca os verdadeiros donos agradecer-lhes bem tamanha honra?

D. LEONOR

Com mil vontades. Mas vamos sempre por deferencia pedir a devida permissão ao tio, que de certo consentirá como sempre.

SOPHIA

Que excellente ideia, uma soirée hoje! Oh! o tio o snr. D. Duarte consente seguramente. E elle então que tão amigo é de V. Ex.^a e do snr. Frederico.

D. BELCHIOR

E eu que ainda não pedi a V. Ex.^a noticias do nosso querido enfermo?!

D. LEONOR

Na mesma sempre o pobre entrevado. Em dez annos da mais completa resignação affez-se inteiramente áquella sua immobillidade... Gostando muito de conversar e de rir, mas mais ainda de que nós gosemos e folguemos, enquanto os annos não vem e com elles alguma desgraça como a que o chumbou, diz elle, á sua cadeira.

D. BELCHIOR

Longe vá o agouro.

SOPHIA

Bem. Vamos ao programma da festa.

D. BELCHIOR

O costume se V. Ex.^{as} approvam.

SOPHIA

Ora! se approvamos.

D. LEONOR

Pois n'esse caso o nosso primeiro convidado, V. Ex.^a, tem de, sem mais demora, ir tratar dos con-

vites. Eu irei pôr em ordem as salas e o atelier do snr. Frederico e tu minha filha encarrega-te do menú para a ceia. Olhem que é já muito tarde.

D. BELCHIOR *(Tendo pegado no chapéu e na bengala)*

Eu obedeço minhas senhoras... Vai ser transformada a nossa modesta morada. Antes porém se transformou toda a minha alegria *(beijando a mão de Sophia)* em agradecimento e *(beijando a mão de D. Leonor)* felicidade. *(saudando)* Bem hajã as fadas de tantas transformações. *(Sai)*

SCENA VIII

D. LEONOR E SOPHIA

D. LEONOR

O' filha tu atraçoas-te completamente. Não fal-las senão no senhor Frederico. O snr. Frederico para a Hespanha, o snr. Frederico para o festejo, o snr. Frederico para aquí, o snr. Frederico para allí, o snr. Frederico sempre... Se este não fosse um cabeça no ar por força teria percebido.

SOPHIA

Teria percebido o quê?

D. LEONOR

O' menina, pois tu ainda negarás que gostas d'elle? .. e digo-te então... muito, muito e muito... Infelizmente!...

SOPHIA

Muito teimosa és! Já te disse mil vezes que não gosto. Quero dizer, sympathiso muito com elle, não acho, que lhe compare, nem um só d'esses bonecos que, depois d'algumas horas com o seu espelho, com as suas pomadas com os seus ferros de frizar, fazem á capital a mercê de mostrar-lhe um frak do Keil. Julgo-o um rapaz muito distincto, pelo seu caracter, pelo seu talento e pela sua educação, mas de fazer-lhe essa justiça vae muita distancia ao que tu dizes.

D. LEONOR

Não te illudas. Gostas e muito. Porque foi então que hontem tanto te desesperaste por não apparecerem no baile, obrigando-me até a sahir antes da uma hora, sem sequer nos despedirmos da condessa d'Esmeriz, com quem fomos? Porque chegaste a chorar na carruagem e depois em casa?

SOPHIA

Isso é differente. Achas que é pouco ter-me perdido a segunda contradança e faltar até á quinta?

Isso te confesso eu. Irrita-me aquella desigualdade. Eu não posso pôr em duvida a sinceridade da sua grande inclinação para mim; vejo-a, sinto-a. . . Bem sei que aquelles espiritos exaltados e entusiastas são muitas vezes tão varios como impressionaveis e é possível, provavel mesmo, que a impressão, por isso mesmo que foi rapida e que é viva, seja passageira, mas emquanto não passa, emquanto não foge, é sincera, é real, não posso pol-a em duvida, porque emfim elle, o preferido de tantas, a ellas mesmas lhes mostra que a todas me prefere e tanto, que a isso devo eu a distincção com que é recebida a pobre afilhada da rica e formosa viuva Garcia e sua *demoiselle de compagnie*. Pois que interesse pode movel-o? Julga-me pobre e a ti riquissima, sabe que és de nobre nascimento e julga-me a mim uma camponeza, como elle, tem a mesma convivencia com ambas e é a mim que prefere. Bem vês.

D. LEONOR (*Senta-se*)

Sim. . . isso não se discute. Nem elle mesmo esconde muito o entusiasmo com que te ama.

SOPHIA

Pois sim. Mas de repente, no auge exactamente do seu entusiasmo, quando parece que todo o coração vae sahir-lhe alli n'um grito de paixão, que finalmente

não pode conter, suspende-se como fulminado por uma ideia... emudece, foge, muda de conversação provoca uma d'essas discussões brilhantes com o outro, ou com qualquer, como para fugir de si mesmo... enfim... não sei.

E' um mysterio! parece que uma ideia, um phantasma passa alli entre nós deixando-lhe repentinamente gelado o coração. Outras vezes, principalmente depois de me ouvir tocar ou cantar aquellas melodias allemãs, que elle me deu e me ensinou... eu já sei... colloco-me de modo que possamos olhar de frente um para o outro, mas não olho eu, senão foge elle com o olhar, se porém lhe dou tempo a perder-se em não sei que profundo cogitar, filho d'aquella contemplação, olho então e elle tem os olhos presos aos meus, mas dir-se-hia que me não vê. E então n'aquelle olhar fito... fito... que quasi a um tempo se illumina d'uma ternura indizível e logo n'uma tristeza infinita se ensombra, sabes? ás vezes leio, ou cuido ler-lhe este pensamento «Adoro-te... quero adorar-te mas é impossivel...»

D. LEONOR

E' o que eu digo!... Pensas tudo isso, sentes tudo isso e não gostas!... Digo-te então que estás louquinha pelo tal poeta... Ah! está em que deu o

teu aventureiro plano! Tanto eu como o tio bem te repetimos que era uma aventura romanesca, muito facil e agradável na leitura d'uma novella, mas difficil e arriscada na vida pratica. Ah! tens o resultado. Se tu viesses na tua verdadeira posição, juntando aos attractivos da tua educação, dos teus talentos e da tua formosura, o prestigio da tua immensa fortuna e do teu nobre nascimento não seria o obscuro filho do povo a erguer os olhos para ti.

SOPHIA

Nem era preciso. Na altura que elle conquistou bem podia eu erguel-os para elle se o coração me impelisse a isso.

D. LEONOR

Quê? menina?! Pois tu casavas com Frederico se gostasses d'elle como aliás, creio que gostas?

Tu, uma fidalga uma titular! Elle o filho d'um cazeiro!!

SOPHIA

Mas Frederico é nobre... tem um coração fidalgo.

D. LEONOR (*Rindo*)

Lá se lhe dá títulos de fidalguia!...

SOPHIA

Não dou, porque a fidalguia d'elle não é da que se dá, é da que se tem. Crê, minha Leonor, que ha muito bom fidalgo a quem nunca deram esses titulos de fidalguia, e deram muito d'esses titulos a quem não é fidalgo, nem o será nunca. Estes dá-os o rei, aquelles é Deus que os dá. Estes são pergaminhos, guardam-se na gaveta, lá ficam esquecidos, quantas vezes!

Aquelles são virtudes, guardam-se na alma, vão sempre comnosco, não esquecem nunca *(Desce á D.)*

D. LEONOR *(Gracejando)*

Não fallemos mais n'isto... Quando é o casamento?

SOPHIA *(Abraçando-a e beijando-a)*

Não sejas má. *(Sorrindo maliciosamente)* Espera, eu darei parte *(saudando)* a madame Belchior...

SCENA IX

AS MESMAS E DANIEL

DANIEL

V. Ex^{as} dão-me licença, minhas senhoras?

SOPHIA

O nosso bom Daniel tem sempre licença.

DANIEL

Oh! minha, menina... Não mereço tanta bondade... *(Para D. Leonor)* Está alli um empregado do Gardé acompanhando uma quantidade de mobilia *(sorrindo)* que o Snr. D. Belchior mandou, recomendendo que, nem um movel nem uma cortina fossem collocados, sem a direcção de V. Ex.^a, minha senhora.

D. LEONOR

Pois então vamos lá Daniel.

Anda filha faze ahi depressa o *menu* da ceia para se mandar ao Ferrari... Eu volto n'um momento.
(Sahe com Daniel)

SCENA X

SOPHIA *(Sentando-se á secretaria para escrever)*

Oh! meu Deus! será verdade?

Quando eu penso n'essa frieza que repentinamente o arranca do meu lado, n'esse proposito com que me evita parecendo comtudo ser elle, o primeiro, a victima d'esse mysterio que o afasta de mim. Será

sómente curiosidade e despeito o que tudo isso desperta em meu espirito, ou será com effeito não só despeito mas violencia a um affecto, que tenha n'alma, não só curiosidade mas a anciedade e vagos receios do ciume?... ciumes!... Effectivamente se não é o fantasma de outra mulher que anda ahi entre nós, que idéia, que pensamento pode ser esse obstaculo mysterioso que elle vê e eu não sei adivinhar, a separar-nos?! *(Pega machinalmente n'um papel para escrever; vê-o escripto)* Versos! Versos d'elle... *lé*

Luctas intimas

(Depois d'um instante, como se estivesse lendo para si.)

Quando eu t'estendo os braços meus convulsos,
na febre da paixão mais insensata,
nunca viste a cadeia que nos ata
a gotejar o sangue dos meus pulsos?

Nunca viste a tristeza incomprehensivel
d'esse olhar com que ás vezes te devoro
dizer-te ao mesmo tempo, que te adoro
mas sei que adoro um sonho, um impossivel?

(Declamando) Um sonho! Um impossivel! Porque?
Que cadeia é essa que lhe ensanguenta os pulsos?
Oh! não poder eu saber...

(Continuando lendo para si; depois, com crescente commoção)

Tu chamas-lhe impossível, e eu destino!
Que eu sinto que morrerá de cansasso
se me faltasse o amparo do teu braço,
quando em teu hombro a minha fronte inclino !

Diz-te isso a consciencia, diz, eu creio !
o que ella te não diz é que ha no mundo
uns lagos de crystal com céus no fundo
que são abysmos em abrindo o seio.

O que ella te não diz é quando ás vezes
me vês fugir com apparencia calma
que eu fujo sim, mas entornando n'alma
a taça da amargura até ás fezes !

Mais nada ! *(Declamando)* Leva-me no pensamento,
sim... mas foge!... Mas porque foge? Se me dei-
xa a sua alma, como pode fugir-me?... O que será?
Sempre o mesmo mysterio! Sempre! *(sentindo tocar a*
campainha, assustada) Elle talvez... não quero que me
encontre aqui só... *(procurando evadir-se para a entrada)*
por ahi encontro-o... Valha-me Deus! Ah!... a
porta do atelier para as salas já deve estar aberta
(Entra para o atelier porta unica esquerda)

SCENA XI

DANIEL E D. BELCHIOR

(Com um ramo de flôres que põe sobre a méza)

D. BELCHIOR

Bem. Se aquelles ramos não chegam, manda vir mais, quero flôres por toda a parte.

Dize-me não veio nada ainda?

DANIEL

Sim, meu senhor. Chegou um piano grande, um orgão, mobilia estofada de brocatel, cortinas e reposteiros irmãos. Lá anda o armador a dispôr tudo dirigido pela Snr.^a D. Leonor. Mas a dizer a verdade, que despeção inutil! Tendo tudo já com tanto luxo e riqueza.

D. BELCHIOR

Estavamos já enfadados de vêr sempre a mesma cousa. Para que serve o dinheiro?

DANIEL

Mas outro piano... para que?

SCENA XII

OS MESMOS E SOPHIA *(Escutando de traç do reposteiro)*

D. BELCHIOR

Para que?! Para tocarem a dois pianos Frederico e a delambida da namorada.

DANIEL

Quem, a menina Sophia...?

SOPHIA

O meu nome... *escuta*.

DANIEL

Namorada! isso sim!... Essa esperança tive eu, porque muito gosto d'aquella menina, mas... não sei que é aquillo n'elle! parece que cada vez mais gosta da menina, e quanto mais gosta, mais lhe foge!

D. BELCHIOR

O que é? pois o que ha-de ser? E' a sua eterna toleima.

SOPHIA

O' meu Deus, como me bate o coração.

D. BELCHIOR

Morre por ella, mas faz questão do pé!... E' boa! Hein? diz que não tem pés?

DANIEL

Que a menina Sophia não tem pés, ora essa!

D. BELCHIOR

Sim, homem. E' a sua eterna mania. Toleimas

d'artistas, que passam a vida atraz da formosa sem senão, o *bello...* o *ideial*. Eu até agora tenho mesmo animado aquella doidice porque effectivamente a pequena tem excellentes qualidades e, a não ser o defeito de ser muito curiosa e massadora...

SOPHIA

Olha quem...

D. BELCHIOR

Que ha-de agravar-se com a idade, acho-a muito bem, mas emfim não parecia boa noiva para Frederico. Agora porém mudei d'ideia, porque eu mesmo..., meu velho Daniel, (*levanta-se*) — tu não és um criado és um bom amigo — escuta, eu mesmo creio que vou dizer adeus ao meu celibato.

DANIEL (*Abraçando-o respeitosamente e contente*)

O' meu senhor, já não esperava dia de tanta alegria como o que V. Ex.^a me annuncia. Compreendendo tudo. E' a senhora D. Leonor, não é?

D. BELCHIOR

E' sim, a senhora D. Leonor.

DANIEL

Oh! Que senhora!... e então que dona de casa que aquillo dá...

D. BELCHIOR (*Senta-se*)

Ora já tu vês que desposando eu D. Leonor, e não podendo separar-me de Frederico, é força que Frederico despose a pequena. Ella é pobre, bem sei mas ainda que Frederico não precisa, dotal-o-hemos nós. (*comicamente*) Eu e minha mulher.

SOPHIA

Excellentes almas; mas eu sem pés... é o que me dá que scismar.

DANIEL

Que ventura! meu senhor! Mas na verdade se a menina é assim aleijadinha dos pés... Mas que? ella tem até um andar tão airoso!...

D. BELCHIOR

Não comprehendes? tem um pé d'este tamanho. Zero cincoenta de pôpa a prôa!

SOPHIA

Ai! que mentira!... Ora esta! Será por isto...?

DANIEL

Já é mania! e olhe que não perde aquella ideia, mas realmente por isso desprezar uma senhora d'aquellas!... Olhe V. Ex.^a que eu não me engano, aquillo é ouro de lei...!

SOPHIA

Estou furiosa...

D. BELCHIOR

Desprezar!... O bonito é que elle morre por ella.

SOPHIA

Isso sei eu...

D. BELCHIOR

Aquillo ha-de passar-lhe... Olha, viste tu como hontem entrou doido com o sapatinho da outra! Pois em vez d'ir dormir foi para ahi fazer versos e hoje de manhã pergunto-lhe: «Então encheste o sapatinho de versos?» Vou a ver, eram tudo lamurias á pequena Sophia, ou antes á Providencia por ter posto na base d'aquella perfeição dois monstrosinhos.

SOPHIA *(Desesperada olhando para o pei*

O que? elle é que é um monstro... Era então este o impossivel!!

D. BELCHIOR

E' doido ou não é doido?

SOPHIA

Doido mas varrido. Archidoido. De quem será o tal sapatinho?...

DANIEL

Que pena!... Se eu soubesse a tempo era capaz de pedir á menina que escondesse bem o pé...

D. BELCHIOR

Isso faz ella coitada!... Já lh'o viste?

DANIEL

Não, meu senhor.

D. BELCHIOR

Nem eu, nem elle. Nem ninguém. Elle então fez todas as diligencias para lh'os bispar... tudo inutil.

DANIEL

Mas então se lh'os não viu...

D. BELCHIOR

Não... N'isso tem elle razão. Pé escondido é pé feio...

SOPHIA

Bonito axioma.

D. BELCHIOR

Isso não falha. Pé que seja bonito tem a consciencia d'isso e tendo-a deita logo a sua pontinha de fóra a acceitar as devidas homenagens; precisa da admiração d'uns olhos como uma florsinha precisa d'uma perola d'orvalho.

SOPHIA

Bonita theoria... Fico sabendo.

DANIEL

Que pena!

D. BELCHIOR

Que pena! dizes. Dize antes que tolíce. Eu também digo que gosto dos pés bonitos em primeiro logar para não contrariar Frederico, em segundo logar porque é moda dizel-o. Mas de facto nunca pensá em semelhante cousa, e a prova é que estou resolvido a despozar D. Leonor, que possui uns pés verdadeiramente formidaveis. Até agora enamorava-se a gente das mulheres pelas caras, agora é pelos pés! Mau symptoma, meu velho! bem dizes tu que o mundo entorta-se. Não só se entorta, o mundo vira-se da cabeça para os pés Bem. Agora *levanta se* que já descancei uns instantes vamos vêr estas senhoras... Vamos ver a minha noiva. Quem sabe se hoje mesmo se decidirá!

DANIEL

Deus permitta. Oxalá meu senhor!

(Sahem)

SCENA XII

SOPHIA

E esta! Foi uma fortuna encontrar a outra porta fechada. Ah! senhor Frederico eu tenho os pés grandes, eu sou aleijada dos pés! e por isso me tem feio chorar e soffrer! Oh! *(com raiva)* eu não sei ainda como, mas ha-de pagar m'ó. Por isso tanto insistia em pedir-me que valsasse! Agora compreendo tudo parece incrível!... um homem d'espírito!

Bem... pois ha-de pagar-m'ó caro, senhor poeta, senhor artista, senhor esculptor de pesinhos. Quem sabe quantos pés bonitos elle terá adorado? Sim, de certo não sou eu a unica a ter pés bonitos!

(Entra D. Leonor pela mesma porta do atelier)

SCENA XIII

SOPHIA E D. LEONOR

SOPHIA

Ah! és tu... vem cá... estou furiosa...

D. LEONOR

Mas... porque? O que houve?

SOPHIA

Desesperadissima.

D. LEONOR

Aposto que é com o senhor Frederico.

SOPHIA

E' um monstro... odeio-o, ouves, tenho-lhe odio.

D. LEONOR

(Sorrindo) Bem se vê, bem se vê. Coitadinho do rapaz...

SOPHIA *(Indo ao reposteiro)*

Foi d'aquí que, sem querer, surpreendi uma conversação do teu noivo... Saberás que pensa em pedir-te hoje mesmo a tua mão.

D. LEONOR

Bravo!... E eu que tenho resistido ao prencioso contacto da minha romanesca afilhada, digo-lhe sem mais rodeios, aqui a tem. E o teu não pensa em pedir-te a tua mão?

SOPHIA

Não. Não pensa na mão. Pensa no pé. Sabes o

tremendo mysterio qual é? Sabes o abysmo que nos separa? Sabes qual é o fatal impossivel entre nós... não sabes?

E' o meu pé. E' porque eu tenho uns pés d'este tamanho... *(gesto)* lá segundo umas logicas do senhor Frederico, em vez de o saudar estendendo-lhe a mão havia de estender-lhe o pé para o senhor Frederico vêr que o meu pé é bonito. Porque se eu esconder o meu pé, então o senhor Frederico ama-me, sim e muito, muito, muito, mas chora porque tem de mutilar o seu amor pelas artelhos. Dize... Já viste um monstro igual?

D. LEONOR

Parece-me simples. Tu tens justamente uns pés muito bem feitos e realmente bonitos; mostra-lh'os.

SOPHIA *(Desesperada)*

Mostro sim. Exactamente... é o que vou fazer, vou mostrar-lhe o pé, mas calçado pela fôrma d'um pórtamachado da municipal. E dizias tu que eu gostava d'elle... *(Chorando e senta-se)*

D. LEONOR *(Abraçando-a)*

Minha louquinha! ..Essas lagrimas, esse desespero, esse despeito o que é senão muito e muito amor que lhe tens... Olha! lembras-te da promessa que

ha pouco me fizeste aqui gracejando? Pois estou prevendo que muitas horas não passarão sem que a formosa viscondessinha de Valdomar tenha de cumprir perante *madame Belchior* a promessa que me fez a minha encantadora afillhada...

SOPHIA

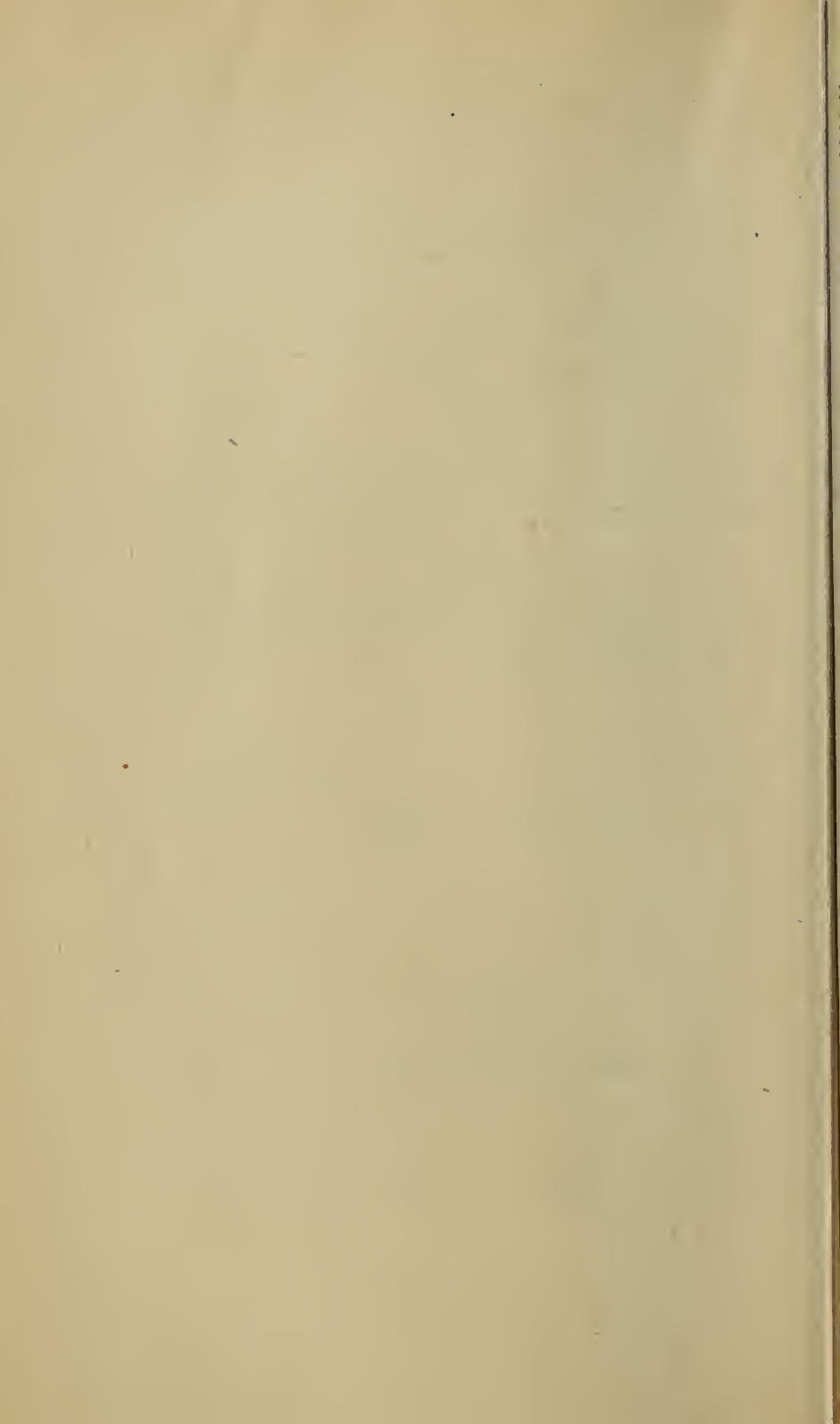
Pois sim... descança... muitas vezes os confundem, mas um capricho não é paixão...

D. LEONOR

Pois sim, repito eu, muitas vezes os confundem, mas a paixão não é capricho.

FIM DO 1.^o ACTO







ACTO SEGUNDO

SCENA I

DANIEL E BELTRÃO

DANIEL *(Conduzindo o capitão Beltrão)*

Terá V. Sr.^{ia} a bondade d'esperar um instante.
Eu vou chamar um dos senhores, porque o outro
sahiu.

CAPITÃO

Olhe lá, meu amigo, esse q'está em casa é que é
o janota?

DANIEL *(Sorrindo)*

Janota! Será com effeito este a quem V. Sr.^{ia} se
refere porque é o que se enfeita mais.

CAPITÃO

Bem. Vá pois e diga-lhe que não gosto de esperar muito, sabe já o meu nome.

DANIEL

Sim, senhor, já sei, *(á parte)* que selvagem! *(sake)*

SCENA II

CAPITÃO *(Admirando o luxo)*

A gaiola é como os passaros!...

Eis a habitação de um janota!... Um janota... quem sabe lá?... Talvez um sapateiro reformado, vista a sua predilecção pelos sapatões.

Nos meus tempos apreciava-se, como lembrança d'uma namorada, uma trança de cabellos, um anel, um lenço, uma flôr... mas um sapato... é novidade... e, a não ser que o tal janota seja um sapateiro, não comprehendo. Um sapateiro!... Eis o homem que soube captivar as vaidades d'uma esposa leviana... E chora e chora e nega! Oh! Eu te obrigarei a confessar, e ai! de ti e ai! do teu cumplice... Olhem para isto! Passa um valente soldado 40 annos da sua vida a servir a sua patria, soffrendo fomes, frios e privações para ser reformado em capitão com uns miseros tostões por dia!

Dão-me tentações d'escangalhar já toda esta bonecagem... Um sapateiro reformado vive n'um primeiro andar assim, um capitão do exercito reforma-se e vive *(apontando)* lá no 4.º andar, sem uma unica commodidade, um unico conforto... e ainda em cima estes vadios... vão roubar-nos o que nos resta, a paz do nosso lar.

Ah! que eu vos vou ensinar quem é o capitão Beltrão... *(ouvindo passos)* Ahi vem elle, ahi vem o mestre.

SCENA III

D. BELCHIOR E O CAPITÃO

D. BELCHIOR

Ora aqui me tem o meu caro *sior* capitão á sua disposição. Folgo de fazer o seu conhecimento, capitão.

CAPITÃO *(Com mau modo)*

Egualmente, mestre, eu tambem folgo.

D. BELCHIOR *(Surprehendido)*

(A' parte) Mestre! *(lembrando-se e alto)* Ah!... sim... Da-me licença?... *(Vae rever a carta de Frederico, áparte e vendo)* «...se ahi for um homem (com todos os signaes

de actor) cabelo á escovinha, sobre olho e bigode negro e muito hirsuto, cara e modos de muito poucos amigos, ouve-o com attenção e com toda a paciencia. E' uma especie de policia particular, verdadeiro achado, que incumbi de colher-me todos os esclarecimentos para descobrir a dona do sapatinho; se fôr preciso abre o cofre e mostra-lh'o. Previno-te de que o homem é um original, poucas fallas, um ar ameaçador, muito rude de linguagem, assomado de genio e na minha opinião meio doido. Dizem-me porém que é admiravel no seu mister. De certo não irei para Hespanha, mas receiando não estar ainda em casa quando elle ahi fôr, peço-te que o recebas e cõlhas todos os esclarecimentos, etc., etc.» *(Terminando a leitura)* Muito bem, senhor capitão. A sua presença aqui, de que aliás fui prevenido.

CAPITÃO

(A' parte) Enquanto ella o preveniu! *(Alto e reprimindo a ira)* Ah! preveniram-n'o?

D. BELCHIOR

Sim o meu companheiro preveniu-me... da sua visita...

CAPITÃO

Está visto, havia de ser o seu companheiro. O seu contramestre provavelmente...

(Não acreditando)

D. BELCHIOR

Aparte rindo E' boa ! que tolice !... é boa !... Vá lá *(alto)* sim é isso !

CAPITÃO

Então pelo que vejo abandonaram a profissão para se entregarem agora...

D. BELCHIOR

(Aparte). Profissão !... Oh ! sim. Profissão de conquistadores provavelmente *(alto)*. Nada... Meu caro capitão em quanto rende não se abandona !... Depois... ficamos com este defeitosinho de crianças, em vendo um sapatinho não lhe resistimos. O meu amigo, o *meu socio*, que é mais artista, esse adora o sapatinho porque adora a fôrma *(malicioso)*. Agora eu... francamente não lhe faço concorrência, ás adorações, porque prefiro a proprietaria do sapato e do pé.

CAPITÃO *(No auge da cholera)*

Então, nunca me enganei ! A historia do sapato é apenas secundaria, o principal é a dona !...

D. BELCHIOR *(espantado e aparte)*

E' boa !... E' realmente extraordinario !... *(alto)* Está visto, capitão, está visto. Ora, diga, capitão, sem mais rodeios, já sabe tudo ?

CAPITÃO

(Não podendo conter-se e marchando para Belchior de punho cerrado).

Sei o bastante, *sior* sei o bastante para presumir o que não sei.

D. BELCHIOR *(assustado e aparte)*

E' boa! Como se lhe manifesta o entusiasmo!... Se chega a descobrir tudo, na sua alegria estrangula-o. *(alto)* Modere-se capitão, modere-se e receba as minhas felicitações pela sua prespicacia.

CAPITÃO

(Fora de si, apertando por um pulso a D. Belchior fazendo com a outra mão gesto de o socar)

Pois o senhor felicita-me!... Oh! com um mi-lhão de diabos...

D. BELCHIOR *(Meio assustado e livrando-se)*

O' senhor, modere-se, não se exalte... E' boa!... Com licença. *(Vae à secretaria reler a carta, todo tremulo e zangadíssimo, aparte).* Nada. Cá na carta não está prevenido que sobre mim se levantaria mão violenta. ... E' um doido!... é boa!... *(alto)* Ó senhor! é boa!... Eu felicito-o porque ninguem senão o senhor capitão de cuja prespicacia, actividade e mais

qualidades eu tinha aliás sido prevenido, deslindava um negocio como este, que o maior misterio envolvia.

CAPITÃO *(Concentrando a sua raiva)*

Sim! Com que era tudo misterio. Um misterio para todos... um misterio impenetravel!...

D. BELCHIOR

Mas certamente. E a não ser o senhor capitão, quem diabo podia agora sonhar... sem outro dado alem d'este? *(Apontando o cofre)*.

CAPITÃO

Qual dado?

D. BELCHIOR

O sapato, homem, o sapato. E de mais a mais sem o ver!... e se o quer ver, tenho ordem de lh'o mostrar.

CAPITÃO *(Fallando a custo)*

Não senhor... é escuzado vê-l'o. Então não só o preveniram da minha visita, mas deram-lhe ordem de me mostrar o sapato.

D. BELCHIOR

Justamente.

CAPITÃO

(À parte) Que mulher, que monstro !... e na minha presença chora e nega tudo. Mas o cynismo d'este homem ! *(alto)* Basta, senhor, nem mais uma palavra. Responde-me com a sua vida por este cofre. Volto aqui já, e ahí é que o quero encontrar. Eu vou buscá-la, quero que na sua presença ella propria abra o cofre e reconheça o seu sapato. Chame o seu amigo e mais alguém e aqui mesmo concluiremos este negocio.

D. BELCHIOR

Sim senhor, muito bem. Então conta com a victoria, capitão ?

CAPITÃO *(Terrivel)*

Descance, eu sei quem sou. Os senhores são os que não sabem quem é o capitão Beltrão. *(sahindo)* Em meia hora. Nem para o inferno me fuja.

D. BELCHIOR *(Sorrindo)*

• Não fujo. Cá nos tem a esperal-o

CAPITÃO *(Voltando)*

Em negocios d'estes nunca ninguem m'esperou seu mestre — Entendeu ?

(Sahe).

SCENA IV

D. BELCHIOR

Pois senhores — E' um original como ainda não vi. Onde diabo foi Frederico desencantar este typo? E' doido, positivamente doido, e tem força n'aquella mão como se fosse de ferro. Fez-me doer... e... hein!... e se me soqueia!... Nada; com doidos só doidos s'entendem. Frederico que venha atural-o. O tal senhor capitão Beltrão. Só o nome parece uma salva d'artilheria...

Fez-me por um instante esquecer a minha ventura!... Ah! Como eu sou feliz. Que dia este! Tudo corre admiravel!... Era o meu sonho... me respondeu ella *(com ternura comica)* o seu sonho!... eu era o seu sonho... De modo que eu, sem pensar no pé obtenho a mão d'uma senhora bella, nova e rica, ao mesmo tempo que Frederico sem pensar na mão obtem o pé da sua desconhecida! E' bella a vida! Corrâmos buscar o feliz mortal, que em meia hora, poderá enfim pedir o pé ao papagaio dos seus amores.

SCENA V

FREDERICO *(entrando)* E BELCHIOR

D. BELCHIOR

Ainda bem. Ia procurar-te. Ah! meu amigo, que

novidades, que venturas !... (*Frederico senta-se prostrado*)
A ventura ! e acaso sabes tu ó eterno sonhador o
que é a ventura, não fugitivo phantasma, apparição
d'um sonho, mas :...

FREDERICO (*aborrecido*)

Isso é roubado.

D. BELCHIOR (*indignado e sécamente*)

E' roubado !... a quem, se faz favor ?...

FREDERICO

A mim... (*recitando*)

Porque deixaste estrella a minha noite escura,
phantasma fugitivo, apparição d'um sonho,
sem me deixar nos ceus, aonde te eu supponho
um rasto d'essa luz a que eu chamei ventura ?

D. BELCHIOR

Não é feio... Pois bem, se é tua já vês que não
é roubo. Primeiro, porque o que é teu é meu. Segundo,
porque se tu fizeste essa poesia, já se vê que eu po-
deria te-la feito.

FREDERICO

Pois sim, sim... seja como tu quizeres.

D. BELCHIOR

Isso é que m'irrita. Eu não quero que tu me faças concessões. E eu sei bem porque as fazes.

FREDERICO

Então porque é?

D. BELCHIOR

Porque é? E' boa! E' porque te vês á beira da questão das tuas eternas derrotas. E' porque tremes de que pela discussão eu chegue finalmente a obrigarte a reconhecer que tenho muito mais talento do que tu. Ahí está porque é.

FREDERICO

Olha lá. Eu não estou para te aturar. Como perdeste a ideia, com que começaste a fallar, e segundo o teu costume, não podes calar-te um momento, em que talvez podesses recordar-te do q'esqueceste, soccorreste-te á discussão, em que pretendes destapar sobre mim a repreza de disparates, que, em algumas horas de solidão devem de ter-se amontoado *(indicando-lhe a frente)* ahí pelas pavorosas solidões do interior d'esse craneo.

D. BELCHIOR

Palavra d'honra que és ainda muito mais inso-

lente do que mal educado e quasi tanto como presumido. E ha dez annos que eu pretendo fazer de ti uma criatura apresentavel, domar a rebeldia d'esses instinctos a que, com toda a tua petulancia, chamas as tuas faculdades... Dez annos... e sabes tu o que é passar dez annos amarrado...

FREDERICO

Ao proprio cadaver; sei, sim, pedante. Disparata mas não roubes.

D. BELCHIOR

E' boa! Roubado a quem se faz favor? Eu percebo-te. No furor do teu zelo pelas attribuições que te dás de malsin litterario lá quando muito bem te parece, improvisas um nome fóra do commum, que exhibes como d'um escriptor celebre, imaginaria ancora a que suspendes, perante as nossas admirações, a tua ainda mais imaginaria erudição. Dizes então...

FREDERICO

Pára ignorante, pára ahi: já te disse que não quero hoje aturar-te, porque estou doente, porque soffro. Toma lá o fio das tuas ideias se é que tens d'isso. Tu começavas a fazer a apotheose da ventura, que ha-de chamar-te a uma policia correcional se insistes no teu intento.

D. BELCHIOR

Incivil e tolo!... A ventura *(mudando logo)* Ah!
sim a ventura. A ventura, meu amigo...

FREDERICO

Logo fazes o discurso: dize-me só que ventura é
essa para que eu te felicite e te inveje, porque para
mim é que já não ha ventura no mundo.

D. BELCHIOR *(Dramatico)*

Não ha!... Não ha!! Surge lazaro!... Ouve!...
O pé.

FREDERICO *(Ancioso)*

Que?... Dize... o pé... *(levanta-se)*

D. BELCHIOR

Sim, homem: o pé. O pé feiticeiro... o habitante
do sapatinho do baile...

FREDERICO

Dize, dize... Sabe-se alguma cousa? Veio cá o
homem?

D. BELCHIOR

Veio, sim o teu capitão Beltrão.

FREDERICO *(Emendando)*

Capitão Trovão... é o nome.

D. BELCHIOR

Qual trovão nem meio trovão. Uma trovoadá eminente dizé antes... irra !...

FREDERICO

Dizé, dizé...

D. BELCHIOR

O homem ia-me esganando no seu enthusiasmo. Eu corria agora a procurar-te e não só descobriu o pésinho, mas foi busca-l'o e d'aquí a meia hora, traz-te aquí o pé... Hein !

FREDERICO (*Fulminado*)

Elle !... traz-me o pé aquí !... Elle !... Isso é impossivel. Pois o pé d'aquelle sapato é pé que um homem d'aquelles aquí traga ? ! Não póde ser...

D. BELCHIOR

Asseguro-te que traz. Traz e esgana-te verás.

FREDERICO

Mas então que pé será elle, meu amigo, se se presta a vir aquí com um tal homem. Oh ! é horri-vel... Não pode ser... Agora me lembra... Esse pé é falso.

D. BELCHIOR (*Escarnecendo*)

Como quem diz um pé apócrifo !...

FREDERICO

Pois o verdadeiro pé foi ao baile, já vês que não é um pé d'esses que poderiam vir aqui.

D. BELCHIOR

Não sei porque não... Além do seu parceiro não sei de que elle mais precisa para vir.

FREDERICO

Pois tu não comprehendes que é um pé recatado, um pé adolescente, um pé que tem uma familia, um pae, uma mãe...

D. BELCHIOR

Qual familia, qual pae, qual demonio !! Em lhe cahindo em casa o teu Capitão pensas que ha familia que resista áquella trovoadas?... E' que traz o pae, a mãe, os tios, os irmãos, os primos, traz tudo ahi em procissão atraz do teu pé (*tocam á campainha comicamente*). Ahí vem... Ei-l'ó... S. Jeronymo, Santa Barbara. Ahí vem. a trovoadas. Faze testamento. Se o homem traz o pé, és um homem morto, morreste por estrangulação, encommenda a tua alma a Deus, ahí vem o pé...

SCENA VI

OS MESMOS E SOPHIA ADIANTE DE D. LEONOR

FREDERICO *(Vendo-a)**(Para Belchior).* Deus te ouvisse.

SOPHIA

Muito bonito. . Eis-nos promptas para a soirée, e estes senhores aqui em descansada palestra tendo alli já uma multidão de convidados... Como está Snr. Frederico... Mas digam-me... E' tudo gente desconhecida...

D. BELCHIOR

Desconhecida !...

FREDERICO

Mas que soirée ?...

D. LEONOR *(Respondendo a Belchior)*

Desconhecida toda não é, porque entre elles reconheci o administrador da Companhia dos trens, o cabelleireiro da rua de...

D. BELCHIOR

Ah ! comprehando, são os nossos credores que eu convoquei. E' que são horas de romper com a

vida desordenada de rapazes, porque... E' verdade meu Frederico, de tão preocupado com a tua felicidade nem pensei em te annunciar a minha.

E' a occasião, vaes cahir das nuvens, (*offerecendo o braço a D. Leonor*), D. Belchior de Menezes Pita d'Aragão Andrada e Bettencourt e D.^{ta} Leonor de Souza e Athaide de Mello Garcia dão parte a V. Ex.^a do seu proximo consorcio.

D. LEONOR

Pois não sabia ainda ?!...

SOPHIA

E' verdade Snr. D. Belchior, saiba que o Snr. D. Duarte ficou contentissimo e quer vê-l'o já, já, já, para o abraçar. Diz elle que d'esta vez acredita que os braços lhe terão vigor para isso.

D. BELCHIOR

E eu córro a vê-l'o, minhas senhoras...

FREDERICO (*Impedindo-o de sair*)

Antes que vás... (*abraçam-se commovidissimos*).

D. BELCHIOR (*De voz alterada*)

Basta isso, não digas nada... que é inutil, obri-

gado... Eu sei que és feliz da minha felicidade. Até já minhas senhoras.

(Sahe)

SCENA VII

D. LEONOR, SOPHIA E FREDERICO

FREDERICO *(Beijando a mão de D. Leonor)*

Obrigado, muito obrigado, minhas senhoras.
(E caminha uns passos para occultar a sua commoção).

D. LEONOR

Então Snr. Frederico, não esperava que tanto se commovesse com esta noticia.

FREDERICO

Mas minhas senhoras, Belchior é a minha maior affeição n'este mundo. Perdi pae e mãe bem novo ainda, não tenho irmãos e todas essas affeições reuni-as n'esse irmão adoptivo, que é toda a minha familia, á excepção de dois tios maternos, que mal conheço; n'estes termos comprehenderão V. Ex.^{as}, minhas senhoras, que esta noticia que assim d'improviso me assegura a felicidade do meu companheiro naturalmente havia de commover-me d'uma maneira talvez ridicula aos olhos de V. Ex.^{as}.

SOPHIA

Ridícula, mas é o contrario..

D. LEONOR *(Com certa malícia)*

Diga-me Snr. Frederico, e a noticia do que V. Ex.^a, tão lisongeiramente para mim, chama a felicidade do seu amigo não o faz pensar na sua felicidade?...

FREDERICO

A minha felicidade!... *(Sorrindo amargamente)*.

Deus é bem deveras infinitamente bom e justo, minhas senhoras. A uns dá-lhes a felicidade, a outros, a quem a não quer dar, fa-l'os artistas, poetas, dá-lhes estas phantazias ardentes e incançaveis como azas possantes, que de quando em quando os alevantem d'uma estrada fatalmente difficil, porque é preciso que na assiduidade da dôr se não embote o sentimento dos predestinados para soffrer. Por isso se alguma vez lá das nuvens, para onde fujo de mim mesmo, se me afigurou ver aqui na estrada por onde vou na vida a sonhada flor da felicidade e abatti meus vôos a pouzar-lhe ao pé, nunca no fumo d'essa illusão encontrei senão mais o espinho d'um desengano a rasgar-me o coração. A felicidade não é para mim que a soube sonhar do ceu, minhas senhoras...

SOPHIA *(Sorrindo)*

Lá vem a nuvem negra! Já me tardava a nuvem... esses grandes desalentos proveem, quantas vezes, da mais pequena contrariedade... São assim as almas dos taes poetas. Lagos azues, profundos espelhos do ceu... Mas que uma leve ondulação lhes passe na tremula miragem e lá se perdem ceus, estrellas, quebrou-se o espelho e já elles não veem senão tempestades e desesperos lá onde uma viração passou, onde um grão d'arêa cahiu, onde molhou a ponta da aza uma andorinha...

D. LEONOR

Bravo. Muito bem. Ahi nos leva a poesia. Creio que vogamos em pleno azul. Deem-me licença de que os deixe aqui e *(para Frederico)* *abatta vôos* até pousar nas salas dos meus estimaveis vizinhos onde tenho de dirigir a recepção dos seus convidados. Encarrego a minha gentil afilhada de provar a este vizionario que para enfermar os corações doentes pôz Deus no mundo — Anjos —, até já. *(Sahe)*

SCENA VIII

FREDERICO E SOPHIA

(Um instante contrafeitos)

FREDERICO

Temos então hoje soirée.

SOPHIA *(Senta-se)*

Pois não sabia? O seu amigo pediu á minha madrinha que viesse hoje fazer as honras da caza. Julguei que tinham combinado.

FREDERICO

Não sabia. E' mais uma bella surpresa.

SOPHIA

Saberá pois que tem a sala transformada completamente. Uma mobilia do ultimo chic, um bello orgão de Mustel, outro piano d'Erard, parece que tocaremos a dois pianos... Emfim não imagina...

FREDERICO

(Àparte). Onde diabo arranjou elle dinheiro para tudo isto? *(alto)* Muito bem. Teremos pois bella musica, conversaremos, dançaremos, finalmente é preciso que celebremos com verdadeira alegria o dia em que se annuncia a boa sorte do meu melhor amigo.

SOPHIA

Antes de hontem ouvi-lhe uns planos muito semelhante para o baile de hontem.

FREDERICO

O baile de hontem... V. Ex.^a foram ?

SOPHIA

De certo.

FREDERICO *(Vivamente)*

Valsou ?

SOPHIA

(Áparte) E elle a dar-lhe !... *(alto)* Valsas bem sabe que não costumo dançar e... creio que havia de gostar muito... Oh ! muito... *(com simulada tristeza)* mas infelizmente não posso.

FREDERICO

(Áparte) E' isto, cahia dos pés abaixo ! Ah ! é horrivel... *(alto)* mas não pode porque, minha senhora?

SOPHIA

(Com horror). Ah ! Era impossivel !... E comtudo como deve ser agradavel uma valsa !... Ah ! hontem tive inveja, deveras inveja — uma menina, galantissima era ella, que valsava admiravelmente, creio que concorria principalmente para a admiração que causava o seu modo de valsar, a formosura do pé que era realmente um encanto. *(Áparte)* Que mentira!

FREDERICO

(Senta-se ancioso e precipitando as perguntas)

Toda de branco?... Altura regular? Franzina? Delicada?... Com outra senhora de toilette de veludo preto com renda.

SOPHIA

Exacto, exactamente, *(aparte)* mas com toilette de veludo preto só vi Leonor... *(alto)* Mas porque pergunta?... Viu-a?...

FREDERICO

Vi... quero dizer não a vi, minha senhora, mas quando entrava no baile.

SOPHIA

Mas se não foram ao baile.

FREDERICO

Sim, é certo, minha senhora, enganava-me mas... Ah! Sim, dizia V. Ex.^a que o sapatinho era branco, de setim...

SOPHIA

Não, eu não fallei ainda senão no pé e na dona, mas era effectivamente de setim branco o sapatinho.

FREDERICO (*Anciosamente*)

Muito estreito, fino...

SOPHIA

Isso, isso... (*à parte*) Já agora vou mentindo... mentindo, mentindo, até saber tudo... (*alto*) mas q'interesse lh'inspira o pé da minha amiga ? !

FREDERICO

Quê, minha senhora, V. Ex.^a é amiga d'ella, conhece-a ?...

SOPHIA

Se a conheço ! é minha intima, foi minha companheira no *Sacré cœur*.

FREDERICO (*Alucinado*)

Oh ! minha Senhora, e o nome d'ella ? O nome ? Onde mora ? Quem é ?... (*cahindo em si*) Perdão Sr.^a D. Sophia é que francamente... um amigo meu está deveras entusiasmado por essa menina, que viu no baile... e queria saber... pediu-me...

SOPHIA (*À parte*)

Vê-se mesmo que está a mentir, o amigo é elle.

FREDERICO

Finalmente ando doido por saber o nome da tal formosura.

SCENA IX

OS MESMOS E DANIEL

DANIEL *(para Sophia)*

A Sr.^a D. Leonor pede a V. Ex.^a a bondade de vir á sala da musica.

SOPHIA

Eu vou *(e sahindo)* Pois no dia em que me apresentar o seu amigo apresenta-los-hei ambos á minha amiga. *(Sahe com Daniel)*.

SCENA X

FREDERICO

Como heide confessar-lhe que sou eu? Ah! que m'importa? Como sou feliz. E vou conhecel-a, vou vê-la *(corre ao cofre tira o sapatinho que beija com transporte)* Que formosura!... E como ha gente que tenha coração mudo para um encanto assim!... E' que não comprehendem... Pois este sapatinho não está aqui a fallar-me d'um pé formosissimo cheio de juventude e de caprichos e das suas encantadoras impaciencias, dos seus languidos abandonos, dos seus

distrahidos folguedos? Ah! e vou conhecê-la. (*scismando*) Como será ella?... se fosse como esta...

Como é deveras distincta esta creança!... Nem uma que me salve d'esta teima do coração!... E' notavel ao pé d'ella não penso senão que lhe falta a ella o pé... e então é quasi como se ella não existisse!... longe... só penso no que me falta a mim — ella — e é como se me faltasse a luz e a vida!...

Agora ainda endoidecia-me a ideia de que vou conhecer a dona do sapatinho... e agora... que m'importa?... Será formosa, gentilissima... é possível, é provavel... Mas não é ella...

(*Sentindo passos fecha o sapatinho no cofre*).

SCENA XI

FREDERICO E D. BELCHIOR, LOGO DANIEL

D. BELCHIOR

Bem, espera, Daniel. Dize-me Frederico, já descontaste o bilhete? Tenho alli os meus credores, Onde tens o dinheiro?...

FREDERICO

Qual dinheiro? qual bilhete?...

D. BELCHIOR

Maldito sapato que nem do que ha horas se passou te deixa lembrar. O bilhete d'Hespanha, monstro.

FREDERICO

O bilhete d'Hespanha!! Ah, o que compramos lontem. Para que queres agora o bilhete se só d'aqui a dois ou tres dias vem a lista?

D. BELCHIOR

Está doido! .. E' preciso conduzir-lhe a memoria, coitadinha! Olha tu compraste um bilhete d'Hespanha, que segundo telegramma hoje vindo de Madrid foi premiado com a sorte grande, entendes.

FREDERICO

Tu não estás bom da cabeça ou estás sonhando.

D. BELCHIOR

Ó menino tu estarás doente?... dá cá o pulso... que sentes?... *pegando na luz* deixa ver a lingua...

FREDERICO

Martinisa-me como te approuver, já vêes que não reajo.

D. BELCHIOR

Ó criatura, pois tu não te lembras do que ha pouco me disséste?...

FREDERICO

Estás doido e doido varrido. Quando te disse eu semelhante cousa ?

D. BELCHIOR

Pois tu não entraste aqui, louco d'alegria gritando: 3o36 ! 3o36 que numero !... que sorte, etc. etc... dizendo que ias logo para Hespanha com o teu thesouro, isto é, com o bilhete para cobrar o premio ?...

FREDERICO *(rindo)*

E é com esse premio que pagarás aos credores ?... e é com esse dinheiro que pagarás a mobilia e o orgão e o piano ? ! *(Ri)*.

D. BELCHIOR

E um coupé novo, e outra parelha ingleza e arreios, vá vêr, vá vêr que gôsto, que luxo e que riqueza.

FREDERICO

Acredito, acredito... Olha, meu cabecinha d'al-

veloa, 3636 era o numero da matricula do cocheiro, que hontem trouxe do baile as taes duas senhoras, sabes ? E' hespanhol e partiu hoje para visitar a familia, por isso pensei em ir a Hespanha, entendes agora ?... *(rindo)* E' original !...

D. BELCHIOR *(cahe succumbido n'um fauteuil)*

Original !! Não... E' triste. *(Fica como desfallecido)*

DANIEL *(aproximando-se d'elle)*

V. Ex.^a sente-se mal.

D. BELCHIOR *(sentado)*

Sinto sim... uma recahida, um ataque de divida... uns ameaços de penhorite, Daniel... *(levantando-se resoltado)*. Para as grandes almas as grandes dores. Eu te revejo ó meu passado. Salve taciturno companheiro. Credores... phantasmas que em horrido sequito vizitae meus sonhos, lucifugos morcegos que em torno ahi vindes a esvoaçar sinistros, vinde, oh ! vinde, empoleirae-vos n'este tumulto vivo d'efemerias alegrias que uma illusão me havia saltado n'alma.

FREDERICO

Bravo.

D. BELCHIOR

E' roubado ?...

FREDERICO

Não senhor, mas olha que os morcegos estão ahí em bando á espera.

D. BELCHIOR

Espera !... Espera !... é justamente o expediente opportuno. Dize-lhes Daniel, dize-lhes que eu comprehendo o seu desgosto ao verem eminente a nossa separação pelo desfazer-se do unico e firmissimo laço que os ata é minha celebridade. Oh ! Não, eu não serei desapiedado. Dize-lhes finalmente que eu lhes permitto que me concedam espera de mais alguns dias.

(Daniel sahe).

SCENA XII

D. BELCHIOR E FREDERICO

D. BELCHIOR

Ahí está !... Lá vae por terra esse futuro brilhante que n'uma hora edifiquei. Tinha por base uma illusão... um acaso aqui me trouxe, outro acaso m'a levou. São como as nuvens e o vento as alegrias do mundo.

FREDERICO *(senta-se)*

Escreve, aproveita a inspiração se não m'engano já te ahí sahiram tres ou quatro versos...

D. BELCHIOR

Hein! que? eu fiz versos? Tem graça!... porque já muita vez tentei inutilmente versejar e convenci-me sempre de que não era bastante tolo para o conseguir. Tu estás certo de que eu fiz um verso?

FREDERICO

Estou certo.

D. BELCHIOR

Toma-me lá o pulso... Eu estarei doente? Ó Frederico parece-te que eu possa endoidecer?... Dize, francamente, achas que eu poderei perder o juizo?

FREDERICO

Descança... Não perdes. Asseguro-t'o eu.

D. BELCHIOR

Achas? Seriamente? Olha que eu fiz um verso... E' grave, vê lá.

FREDERICO

Não tem importancia, um fenomeno isolado que

nada tem de symptomatico. Nada temas, és d'aquelles que não podem nunca perder o juizo.

D. BELCHIOR

São os espiritos fortes, não ?...

FREDERICO

Não, eu referi-me aos que o não teem

D. BELCHIOR

Já me tardava a graçola, acho porêem bem mal escolhido o momento. Fôra bem mais delicado da tua parte que agora na occasião em que recebo uma decepção, que d'um golpe me ceifa as melhores, as mais caras esperanças de minh'alma, respeitasses se não um amigo, que te merece gratidão, um desgosto que não te merece desprezo.

Tu sabes que desde este momento eu, não posso mais aspirar á mão de D. Leonor, uma vez que não tenho o bastante p'ara que essa aspiração não possa ser considerada um calculo, e ser n'esta occasião que apaixonado affecto eu consagrava á minha noiva...

FREDERICO

Quem ?... tu !... *(sorrindo)*

D. BELCHIOR

Sim eu. Então? Amo-a de veras. Até me admiro de como a não amei logo que a vi!.. Foi em quanto não pensei n'isso... mas logo que pensei n'isso senti que a amava, e não sei... Acredita Frederico não sei como hei-de poder viver sem ella.

FREDERICO

Olha lá. Como ensaio comprehendo que me digas isso a mim. Repete-o mesmo muitas vezes se tens de lh'o dizer a ella. Será uma fortuna se a ti proprio te convenceres d'isso, que melhor engana o que engana de boa fé.

D. BELCHIOR

Pois não. O sentimento veio todo para ti. Essa faculdade é tua só, ente privilegiado e prodigioso, que não tens no mundo semelhante. Olha eu comprehendo que a consciencia te falle de superioridades, que tenhas sobre o commum dos homens, porque eu mesmo t'as reconheço. Mas não olhes só para baixo e respeita os que te suplantam. Relativamente a mim duas apenas, duas superioridades te reconheço. Nascestes conde, eu nasci nas hervas. Nascestes no esplendor da riqueza, eu nos andrajos da miseria e do abandono.

No demais fallem os factos. E' na extensão mais ainda que na rapidez do voo que as aves provam a pujança das azas. Tu nasceste conde, és conde; nasceste para ter uma educação esmerada e brilhante, tiveste-la. O que voaste? Nada, que te vejo no ponto da partida. Eu? Eu, só, sem ninguém, sem nome, sem riqueza, sem educação sei o que tu sabes e mais e melhor, porque tive por mestre a experiencia e foi meu livro da vida; ostento a riqueza que não tenho, a educação que ninguém me deu, a fidalguia que eu proprio me dei e eis-me aqui. Vê-me bem!... e não procures o meu ponto de partida, que de longe, de tão longe venho que nem a memoria m'o alcança. Pois as azas que me trouxeram chamam-se, intelligencia.

FREDERICO

Por signal que nunca mais vaidoso as bateu o gallo rei da capoeira.

D. BELCHIOR

Acho demasiado tosca a imagem. Eu já muita vez te disse que adoro a discussão mas detesto a grosseria e a insolencia, o teu forte.

FREDERICO

O meu forte é a paciencia com que assisto ás interminaveis procissões de disparates que a toda a

hora sahem (*indicando-lhe a frente*) d'ahi d'esse templo erigido á toleima. O que tu detestas é a logica e o bom senso, o que tu adoras é o paradoxo. Julgas-te um sabio, por isso mesmo que és um ignorante, julgas-te um fidalgo o que aliáz nada valle, por isso mesmo que nasceste nas hervas, julgas-te riquissimo por isso mesmo que não possues um real.

E's ao menos coherente, extasias-te perante a tua intelligencia por isso mesmo que és um pateta.

D. BELCHIOR

Justamente, é isso mesmo — Aparte as conclusões que derivam logicamente não dos principios mas da sua habitual e natural petulancia. E' isso mesmo. Como não vivo para mim só e isolado mas para os outros e no meio da sociedade é natural que me prepare para ser julgado e não para me julgar eu proprio.

Se a sabedoria, se a riqueza, se mesmo o prestigio do nascimento elevado valem alguma cousa não é para mim só que me amortalie n'esses merecimentos para sepultar-me no meu isolamento, valem para o mundo, o mundo lhes marca o valor.

FREDERICO (*Senta-se no sofá*)

Bravo. Logo a vida não é ser, é parecer.

D. BELCHIOR

Isso. Estudei o mundo e fiz-me para elle que o não faria nunca para mim. A questão não é a consciencia porque não se tracta d'um homem, a questão é da opinião porque se tracta da sociedade. Sou illustrado?... Diz a consciencia que não? Pois diga, eu voto com a opinião e a opinião diz que sim. Sou pobre, dil-o a magreza da minha bolsa? Pois diga, eu voto com a opinião, a opinião diz que sou rico e do prestigio da riqueza aufero-lhe as regalias.

Sou plebeu, di-lo o completo abandono do meu nascimento, a miseria da minha infancia? pois digam, eu voto com a opinião, e a opinião accetando-me como, fidalgo, annuncia-me *primo* em todos os salões aristocraticos.

FREDERICO

A profissão de cavalheiro d'industria, o que ahi chamam um pantomineiro... Tu dizes *viveur*. Queres ver que o não és? N'essa vida que não era para ti e de cuja izempção duvidas, tanto e tanto te peza essa duvida que em ti proprio pertendes desvanecela, n'essa vida a que te lançou a sorte fatal e não a livre escolha, nunca perdeste o brio, a honestidade, a excellencia da tua alma, tão inherentes á tua natureza são essas virtudes, que são justamente as de que não fallas meu velho rapaz.

D. BELCHIOR (*Contrariado*)

Está bom. Dispensio os seus elogios. E' muito do seu uso essa perfidia para que eu a não conheça muito bem. Quando vê perdida a batalha, iça a bandeira branca e manda-me de parlamentar o coração como o *sior* chama pertenciosamente a essa *vitrine* de Stelloflug que ahí tem no seio cheia de sapatos, chinellos e botinhas. Ainda bem borboleta que agora tens de fixar os teus amores, pois por grande que seja a *vitrine* duvido de que lá caiba nem o tacão torneado da botinha d'uma duqueza, uma vez que tens de lá arrumar aquellas duas faluas que se atiram de talhamar aos pedaes do teu piano, quando a tua Beatriz, a tua Laura, a tua Sophia enfim preludia Mendelsson, Beethoven ou Schubert.

FREDERICO

Vinga-te, vinga... Ah! é horrivel... quasi me confessou que eram monstruosos. Tem medo de valsar! . .

D. BELCHIOR (*Senta-se*)

De certo... e é prudente... Dar liberdade a dois pés assim, fora arriscar-se a vê-los proclamar a sua independencia. Iria n'elles para a valsa mas finda a valsa expunha-se a que viessem elles n'ella sentar-se-lhe no lugar pouzando-a no tapete ou no parquet.

São dos taes de que dizia um dos nossos mais brilhantes escriptores uns pés, que quando o dono se deita levantam-se elles ! . . .

FREDERICO

Fazes-me sorrir, mas se soubesses como são as lagrimas que d'estes sorrisos me resumam na alma !

D. BELCHIOR

Olha . . . lá para o verso pode ser que o pé pequeno tenha vantagens sobre o pé avantajado ; sim vocês muitos parece, que até usaes de pés quebrados. Mas na vida pratica é o contrario. Por exemplo tu escusas de te ajoelhar diante da tua Sophia.

FREDERICO

Minha !!!

D. BELCHIOR

Com o que tê livras de posições violentas e de joelheiras nas calças. Pedes-lhe que se levante em bicos de pés, põem as mãos juntas (*representando*) empinas o pescoço quanto poderes e d'ahi a alguns minutos vês surgir o rosto adorado lá no fundo alabastrino d'uma nuvem que aquedou nos ares ; e ahi tens a tua meia hora de gargarejo sem confidencia forçada aos pachorrentos oleados da patrulha municipal ou ás trémulas persianas de qualquer janella

da vizinhança. Tu vaes a um baile e não só vês com orgulho no voltear da valsa perpassar lá por entre os lustres do salão a fronte encantadora da tua esposa sobranceira a todas aquellas pyramides fluctuantes de cabelos e flores e perolas e tranças e joias, mas estás certo e seguro de que seja embora um granadeiro o seu par não lhe murmurará segredo que entre no tecto conjugal subtrahido aos direitos. Um pé assim, sendo de muito mais difficeis e tardos movimentos, menos risco corre o homem de que a mulher lhe passe o pé! Uns pés assim sendo cada um d'elles um passo medido, reduz tres quartos pelo menos na despeza do sapateiro.

Finalmente um pé assim, a não ser no caso excepcional e por isso inverosimil de que a mulher saia tão amazona e varonil, que possas ervir-se d'elle como instrumento contundente em dia de menos paz no lar, longe de ser um defeito é uma qualidade é uma vantagem.

FREDERICO

Quem me dera a tua alegria. E's feliz tu.

D. BELCHIOR

Tu sabes o que é a felicidade?

FREDERICO

Não o saberei nunca...

D. BELCHIOR

A felicidade é a menor distancia entre o querer e o poder.

FREDERICO

Dispenso a demonstração.

D. BELCHIOR

Bem. Ainda agora era eu feliz. Porque ? Gostei de D. Leonor e logo que gostei aspirei á sua mão, pedi-lha, é boa... e nunca pensei em lhe pedir o pé. Tu apaixonas-te pela pequena mas como tens o aleijão da poesia aspiras, não á sua mão mas ao seu pé ! E' boa ! Homem, isso como devaneio de rapaz passa, pode mesmo dar um certo chic, mas quando se trata da talvez unica cousa seria da vida, o casamento, é ridiculo, é mesquinho, é tolissimo... é boa !...

FREDERICO

Dou-te razão e juro-te que lhe perdoara o defeito de ter uns pés grandes... emfim... feios, tanto eu morro por aquella mulher, tanto o coração e a razão á profia me asseguram que a minha felicidade, tem-na ella. Mas se é um pé enorme torto, alantilado, cheio de pormontorios e reconcavos, um pé que abre em leque como um pé de cysne... Ah !

dize, comprehendes o horror d'esta hypothese desgraçadamente verosimil.

D. BELCHIOR

E' boa ! Em primeiro lugar não ha razão para pensar que seja assim, porque ella anda bem. Mas que fosse ? ... E' boa ! A gente casa pela mão, não é pelo pé. O annel nupcial é para as mãos não é para os pés. O padre quando nos une ata-nos as mãos, não nos ata os pés como a um casal de frangãos que vá para a praça. Acabemos com isto. Gostas da pequena, vae pedir a sua mão. Não a despeites. Ella gosta de ti, mas anda desesperada contigo e se tu insistes sem lhe fazer questão do pé para a mão, do pé para a mão passa-te ella o pé, um bello dia e, verdade verdade, pé para isso lhe tens tu dado ... Vamos vestir-nos para a soirée.

FREDERICO

Vamos ! ...

D. BELCHIOR

Vamos, sim ! No amor, como em tudo, parar é morrer. Vamos, meu amigo — A divisa do século «Progedior».

FIM DO 2.º ACTO



ACTO TERCEIRO

(N'este acto, D. Leonor, Sophia, D. Belchior e Frederico todos vestidos para soirée).

SCENA I

D. BELCHIOR

(Sentado à secretaria com a pena na mão)

Não vae lá. E' impossivel... Este quarto verso não sahe por mais que teime... Sim, e se não aproveito esta occasião de me fazer poeta e triste... não tenho outra. Uma decepção d'estas é realmente das que abatem qualquer espirito forte... Poetas somos nós todos, dizia no outro dia Frederico, e pareceu-me aquillo bem: em todas as almas poz Deus a corda da poesia, sómente em um grande numero fica essa corda silenciosa ignorada a vida inteira. E' preciso, rosa ou espinho, sorriso ou lagrima, ventura ou dôr, é preciso que um grande affecto nos entre na alma engrandecendo-a e dilatando-a até

que essa corda tenha a distensão precisa para que a um ai ! que passe, resoe e vibre...

Pois muito bem... Não tive eu agora o maior desgosto?... Não estou eu até com muitissimo appetite e curiosidade de ser triste?... Logo cá ha-d'estar a tal corda a chiar... A questão é teimar, vamos a isto...

Tu eras Leonor aquella,
que a minha alma sonhou sempre,
tu eras o norte, a estrella,
eu a...

Eu a.. Eu... Ora que diabo hei-de eu ser?
E' boa!

Sim, porque se eu quizer ser poeta, *(desesperado)* não basta para a minha quadra que eu fosse qualquer cousa, é preciso fatalmente, inexoravelmente preciso que essa qualquer cousa que eu era acabe em — empre — para rimar com sempre. Oh senhor ! pois eu não posso ser o que eu quizer sem estar á mercê d'essa palavra ! E eu não mudo aquelle verso... gosto muito. *Que a minha alma sonhou sempre... Tu eras o norte a estrella,* e eu queria ser, cá para a minha ideia, queria ser bussola, agulha de marear, brigue, bergantim... fragata, palhabote. Qual diabo ! nem um que acabe em — *empre* — é boa ! e a corda a tal corda cá dentro, moita... *(ouve alarido dentro.)* Que temos ? Mais alguns convidados... talvez...

SCENA II

D. BELCHIOR, DANIEL, CAPITÃO E D. LEOCADIA

DANIEL

(Seguindo o capitão e a mulher que este conduz presa pelo pulso, falla contrariadissimo para Belchior)

Perdoe V. Ex.^a é a primeira vez que tal me succede. Este senhor entrou violentamente...

CAPITÃO

Está bom, velhote, safa-te...

D. BELCHIOR

Bem, bem Daniel, sahe. *(sahe Daniel)*.

SCENA III

OS MESMOS MENOS DANIEL

CAPITÃO *(rudemente para a mulher)*

Senhora, que primeiro que tudo se reconheça a sua identidade. Dois passos em frente — Alto — *(Para Belchior)* Reconhece-a? é a propria.

D. BELCHIOR

(Áparte) Se eu lhe digo que sim, elle não seu enthusiasmo enforca-me, nada vou por-lhe duvidas *(alto)* Eu lhe digo, capitão, a dizer a verdade, pode ás vezes haver uma confusão, dar-se uma semelhança... emfim ..

CAPITÃO *(Rindo feroz)*

Eu contava com isso. *(Para a mulher)* E a senhora reconhece-o ? é este ?...

D. LEOCADIA

Não reconheço e insisto em dizer que se este senhor me roubou o meu sapato não tenho culpa.

D. BELCHIOR *(Áparte)*

Pois é possível que esta lesmazinha seja a dona d'aquelle sapato ? !

CAPITÃO

Teimosa e cabeçuda como uma mula d'artilheria. Ah ! não escarnecerão de mim... *(para ella)* Exhiba, senhora, esse documento e vejamos *(ameaçador para Belchior)* se este senhor ousa desconhecer esse objecto da sua predilecção. Vamos senhor *(a mulher desembrulha um enorme sapato branco e velho)* Será o mesmo ? !

D. BELCHIOR (*Áparte*)

Se o contrario abertamente talvez seja peor (*alto*)
effectivamente elle vem a ser parente do outro...
(*aparte rindo*) avô ou bisavó.

CAPITÃO

Basta. Nem mais uma palavra... Nem mais uma
palavra senhor... (*pegando na mão da mulher e empurrando-a para Belchior*) Ah! tem. Esta senhora faço-lhe
presente d'ella.

D. LEOCADIA

O' Beltrão, ó cruel Beltrão !

D. BELCHIOR

Com effeito, ó capitão não era tanto o que pretendiamos...

CAPITÃO

Leva rumor... Isso sei eu que não era tanto o que
você pertendia. (*com furor*) isso sei eu, sior mestre.

D. BELCHIOR (*Ja não gostando da graça*)

Queira ouvir, capitão queira ouvir.

D. LEOCADIA

Beltrão, Beltrão perdôa á tua Leocadinha. .

CAPITÃO *(repellindo-a)*

Silencio. Aqui lhe fica. Eu volto n'um momento para regularmos as nossas contas.

(Sahe).

SCENA IV

D. BELCHIOR E D. LEOCADIA *(Chorando)*

D. BELCHIOR

Hein! é esta!... *(Chamando á porta do quarto do Frederico, frente á do atelier.)*

Frederico... Frederico... Bonito, safou-se *(á parte)*
Hein? o que hei-de eu fazer ao dono d'esta prenda?

D. LEOCADIA *(Dignamente)*

Cavalheiro, veja ao que me expoz a sua imprudencia! Veja, senhor, o que fez da reputação d'uma dama para quem durante quarenta e um anno nunca ninguém foi auctorisado a levantar os olhos. Porque não soube, dominar a paixão, senhor? Que amor é esse que o deixa expor á difamação e á morte o objecto amado?

D. BELCHIOR *(Á parte)*

Esta agora é que só pelo diabo!...

D. LEOCADIA *(Continuando)*

Porque aquelle homem, senhor, vem ahi matar-nos. Eu sei o seu plano. Elle matará a V. Ex.^a em combate leal aqui mesmo, para isso foi buscar dois padrinhos e não ha quem com elle se meça á espada, depois assassinar-me-ha com a espada vermelha ainda do sangue do seu rival.

D. BELCHIOR *(Furioso e aparte)*

Então não estou eu apaixonado á ultima hora por esta lagarta!! Isto é gente doida *(alto)* mas matar-me porque, minha senhora?... Eu nunca o vi, não sei quem é esse senhor, V. Ex.^a mesmo é a primeira vez que tenho o prazer de a ver.

D. LEOCADIA

(Traçando o embrulho que ao entrar na ultima scena o capitão terá deixado n'uma cadeira ao pé da porta)

Veja, senhor, veja.

D. BELCHIOR

(Tirando uma das duas espadas que são o embrulho)

Uma espada!... *(desesperadissimo)* E esta!! Pois oem que venha o Sr. Capitão, E' forte no jogo das armas? Tanto melhor. Teremos um adversario que nos torne mais interessante o combate *(a mulher atirada)* Desde o ultimo duello em que matamos em

Napoles um dos primeiros professores d'armas da Italia, não tornamos a encontrar um adversario de força. Venha o sior capitão.

D. LEOCADIA

(Em lagrimas ajoelhando e prendendo-o pela casaca)

Oh ! não, cavalheiro. Oh ! poupe-me o meu Bel-trão.

(Entram Leonor e Sophia).

D. BELCHIOR

(Arrebatado e brandindo a espada)

Que venha. Ha-de levar uma sova real. Cortamos-lhe um braço, uma orelha.

D. LEOCADIA

Oh ! Não, não... senhor... a orelha não.

SCENA V

OS MESMOS, D. LEONOR E SOPHIA

(Que durante o final da scena teem parado á entrada)

D. BELCHIOR *(Vendo-as e áparte)*

Bravo ! estou arranjadinho !... morro pelo ridiculo.

D. LEONOR *(Reprimindo o riso)*

Que é isto D. Belchior, vae para a guerra !...

D. BELCHIOR

Não minha senhora, a guerra é que vem para mim, annuncia-mo esta dama.

D. LEOCADIA

O' minhas senhoras, valham-me V. Ex.^{as}. Peçam a este desalmado que não me condemne ao luto da viuvez.

D. LEONOR *(Sempre sorrindo)*

Realmente, D. Belchior, se eu não visse, não acreditaria nunca que um tão fino cavalheiro não se escondo de lagrimas como as d'esta dama e corra expor dias *(apontando para elle)* que lhe são *(apontando para ella)* tão caros *(reprime o riso)*.

D. BELCHIOR

Perdão, minha senhora ; de tudo isto posso apenas informar a V. Ex.^a que esta senhora entrou aqui com um doido a quem outro doido mais manso, o Sr. Frederico, incumbiu a descoberta da dona do sapatinho de setim da aventura que ainda agora ia contar a V. Ex.^a. O doido veio primeiro annunciar-me que a sua missão fora cumprida e aqui traria a

dona do sapato, voltando pouco depois com esta senhora que elle julga ser a propria que se procurava, e não é.

SOPHIA

Mas que sapatinho é esse ?

D. LEOCADIA *(Apresentando o seu sapato)*

Eil-o minha senhora.

SOPHIA *(Para D. Leonor)*

Oh ! q'enorme sapatão. Este era optimo para o meu plano.

(Pega no sapato e vae pô-lo n'uma cadeira à D.).

D. BELCHIOR *(Procurando abrir o cofre)*

Perdão minha senhora, eu não me refiro a essa preciosidade. Eu fallava do tal sapatinho q'endoideceu Frederico.

SOPHIA *(Desesperada para D. Leonor)*

Vês ? O monstro apaixonado por um pé !... No seu coração não reino eu só, reino eu e um pé anónimo.

D. BELCHIOR *(Abrindo o cofre)*

Aqui está... Ora aqui tem V. Ex.^{as}.

D. LEONOR *(Que primeiro vê o sapato)*

Olha... Sophia!... *(rindo)* é o...

SOPHIA *(Gritando)*

Ai! *(Leva as mãos aos olhos)*.

D. LEONOR E D. BELCHIOR *(Assustados)*

O que é? o que é?

SOPHIA

Não sei o que m'entrou nos olhos, veja se tenho alguma cousa madrinha *(D. Belchior corre buscar a luz)* *(Aparte para D. Leonor)* Não digas que é meu o sapato, não o reconhecemos... Entendes?

D. LEONOR

(Baixo) Comprehando *(alto)* Nada vejo menineta...

D. BELCHIOR *(Com luz e de luneta)*

Effectivamente nada se vê... o que não admira *(galanteando)* fitando-se assim de perto uma tão fulgurante estrella...

SOPHIA

Sempre amavel! Com a sua amabilidade, curou-me. Nada sinto já. *(Beltrão vai pôr a luz em cima da mesa)*.

D. LEOCADIA

Oh! Louvado seja Deus. Entrevejo uma esperança, o sapato é outro.

D. BELCHIOR

Em todo o caso minhas senhoras doido ou não o tal Sr. Capitão não tardará com os seus padrinhos e é preciso que aqui encontre dois amigos meus.

D. LEONOR *(Com interesse)*

Mas se a questão é por causa do sapato, já se vê que é com o Sr. Frederico.

D. BELCHIOR

Como lhe agradeço! Mas minha senhora, transviaram-na as circumstancias para mim. Cumpre-me tudo a evitar.

D. LEONOR

Mas, se não me engano, creio que o Sr. Frederico é de grande força no jogo das armas, seria portanto para elle muito menor o risco...

SOPHIA

Mas o Sr. Frederico não tem a menor parte na questão, uma vez que o sapatinho não é.

D. BELCHIOR *(A tempo)*

O sapatão. Diz V. Ex.^a muito bem. Além d'isso o capitão dizem que é mestre na espada e não é justo que se exponha o que tem vivido menos e que mais ale.

SOPHIA

Que generoso amigo !

D. LEOCADIA

Sim, a questão é com este senhor, este é o que me requesta.

D. BELCHIOR

O' minha senhora, queira perdoar mas eu nunca vi minha senhora, e V. Ex.^{as} não tremam por mim. Eu tenho tido por mestre Frederico, jogamos quasi todos os dias e não sou tão fraco como pensarão. Demais duvido que o Sr. Trovoadá conheça o jogo italiano e eu conheço uns golpes secretos que são estocada certinha.

(Fazendo o gesto).

D. LEOCADIA

Oh ! Não mate o meu Beltrão.

D. LEONOR

Não, isto não pode ter lugar. Sophia vae tu chamar o Conde d'Esmoriz que já está na sala.

D. BELCHIOR

Perdão minha senhora. Isso é que... perdoe-me V. Ex.^a isso não pode ser. E' preciso que na sala s'ignore tudo e que o nosso festejo não soffra a menor perturbação. Eu saio e n'um momento volto com dois amigos. Entretanto esta senhora contará a V. Ex.^{as} o que eu proprio ignoro.

D. LEOCADIA

Oh! por piedade senhor não me mate o meu Beltrão.

D. BELCHIOR *(Sahindo e a sorrir)*

Sim, sim minha senhora, logo conversaremos...
(saudando) minhas senhoras...

SCENA VI

D. LEONOR, SOPHIA E D. LEOCADIA

(Sentam-se)

D. LEONOR

Não ha tempo a perder, minha senhora, para podermos conjurar este perigo é preciso conhecê-la da sua origem.

D. LEOCADIA

Olhem minhas senhoras, sou casada ha quarenta e dois annos com o meu Beltrão.

SOPHIA

Casou então muito nova !

D. LEOCADIA

Sim minha senhora. Casei de 14 annos. Ora, como eu antes de casar fiz de fel e vinagre o Beltrão, moí-o com ciumes, porque eu não é para me gabar, e d'ahi V. Ex.^{as} bem verão ainda, eu era uma bonita rapariga e como era muito alegre e desde criancita sempre tive um coração mui buliçoso, o Beltrão ficou sempre escaldado e não pensa n'outra cousa senão em rivaes, traições e duellos. Tem dado pancadaria por minha causa, que nem V. Ex.^{as} fazem deia.

E' muito valente, e muito destemido. Só no anno passado é que um boticario, que morava defronte de nós acolá em Alcantara, entrou a fazer-me d'olho, que tambem não sei que é isto, mas sem se quer erguer os meus olhos para um homem, todos me perseguem, ora vejam V. Ex.^{as} este Sr. D. Belchior, como se apaixonou por mim sem eu nunca o ver. Eu vejo pouco e nem sabia se não fora o Beltrão; mas como ia dizendo esse boticario é que deu entã

bordoadada no meu Beltrão que foi um louvar a Deus, esteve 17 dias de cama, mas foi o unico que deu e não levou. Ora ao principio tomei-lhe posse do genio e ás vezes tão bom elle é minhas senhoras, até lá nos nossos dares e tomares lhe dava eu n'elle com este sapato ou com o outro que foram do meu casamento: Um dia resolveu-se e deu-me uma sova, e d'então para cá não passa uma semana em que eu não leve sapatada e já estou tão habituada que nem posso passar sem isso.

Ora elle embirrava já ha muito com os vizinhos do primeiro andar. Chamava-lhe os janotas.

Eu tenho um gato chamado janota que costuma brincar com o outro sapato, e vae... sumiu-o não sei aonde. Hoje o meu Beltrão passou lá em baixo pelo guarda-portão e ouviu estar a fallar n'um sapato de setim, que um d'estes senhores tinha furtado a uma senhora, que namorava, e não quiz ouvir mais nada, volta para cima chega lá ao meu quarto atira-me logo um soco nas costas que me deixou sem falla. E pede-me os sapatos, cuidei que era para me dar a sua conta, corro tudo por elles e acho só este. O outro, o outro, gritava elle furioso como nunca o vi. Corri tudo, já elle tinha como certo que o sapato da conversa do guarda-portão era o meu, quando a criada grita de lá da cozinha: Escusam de procura-lo, que eu vi o janota leva-lo pela escada abaixo.

Ella queria dizer que era o gato; o que foste dizer, elle não quiz ouvir mais nada, por mais que jurei que protestei, que chorei. Aqui para nós minha senhora, o Beltrão para dizer estúpido, estúpido não é, mas custou-lhe sempre muito a entender qualquer cousa, e é teimoso, teimoso que não se pode imaginar. Disse-me que era chegado o meu ultimo dia e partiu logo para aqui. O resto sabem-no V. Ex.^{as}.

D. LEONOR

Muito bem a questão é facil d'esclarecer e des-
cance minha senhora que nenhum risco ha-de correr
nem a senhora nem seu marido. Acho até melhor
que V. Ex.^a suba para os seus aposentos.

D. LEOCADIA

Crédo ! Isso é que não. Mandou-me aqui esperar,
se aqui me não via ia lá acima e derretia-me. D'aqui
é que eu não arredo pé (*aterrada*) ahi vem !

SOPHIA

Não é, é a voz do Sr. Frederico.

D. LEONOR

E' Frederico em nossa procura. Está tudo já na
sala e nós aqui ! Fica tu com esta senhora, eu vou
e volto n'um momento.

(*Sahe*).

SCENA VII

SOPHIA E D. LEOCADIA

D. LEOCADIA

Ora minha senhora, parece-lhe que o meu Beltrão não correrá com effeito algum risco?

SOPHIA

Eu creio que não, minha senhora, esteja tranquila, que tal combate não ha-de ter lugar.

D. LEOCADIA

Oh! Minha senhora, como a sua voz é propria para restituir ao meu pobre coração a paz e a esperança! *(ouvindo passos)* Quem será?! Ah! não m'engana o coração *(correndo á porta)* Beltrão, Beltrãosinho da minh'alma...

(E quasi abraça Frederico que entra).

SCENA VIII

OS MESMOS E FREDERICO

D. LEOCADIA

Perdão senhor... eu julgava... que era... valha-me Deus.

FREDERICO

O' minha senhora... foi um equivoco de certo, mas que eu bem digo.

SOPHIA

Ora... que faria se soubesse.

FREDERICO

Se soubesse o que? Minha senhora!

D. LEOCADIA *(em segredo a Sophia)*

O' minha senhora este é que é o Sr. Frederico? O que joga muito bem a espada?

SOPHIA

E' este mesmo... E' o que se apaixonou pelo seu pé.

D. LEOCADIA

Não minha senhora; foi engano. O sapato é outro...

SOPHIA

Historias. Foi um disfarce. Elle morre pelo seu pé, está apaixonadissimo, odeia seu marido e mata-va-o se se batessem.

FREDERICO

Eu creio que vim interromper.

D. LEOCADIA

(Corre e cahe-lhe comicamente ajoelhada aos pés)

Oh!... meu cavalheiro, eu sou grata ao seu affecto, lisongei-me o seu amor e sinto-me orgulhosa por ter-lh'o inspirado, mas, senhor, em nome da tranquillidade e da ventura d'aquella que ama, faça-me o juramento de que não combaterá com Beltrão.

FREDERICO

Mas que significa isto?

*(Ouve-se tocar fortemente a campainha)*D. LEOCADIA *(Dando um grito)*

Ai! elle... elle... o meu Beltrão. Oh! receba a minha maldição, senhor, se se bater com o meu Beltrão.

FREDERICO *(A Sophia)*

Mas que é isto minha senhora? quem é esta mulher?

SOPHIA

Ora é quem é? é a dona do sapatinho, pois não lh'o disse o coração...

FREDERICO

Ah! já sabe tudo!

SOPHIA

Sei, sim tudo, e por isso o felicito. Ahi tem a fada, muitos parabens, Sr. Frederico.

FREDERICO

Pode lá ser, minha senhora! esta centopeia!...

SOPHIA

Melhor centuplicada felicidade; felicito-o n'esse caso cem vezes, Sr. Frederico, uma vez por cada pé.

SCENA IX

OS MESMOS, DANIEL E O CAPITÃO

DANIEL *(Annunciando)*

O Sr. Capitão Beltrão.

D. LEOCADIA

Ah! bem m'o dizia o coração.

DANIEL *(Para Sophia e dando-lhe um pequeno embrulho)*

O que V. Ex.^a mandou buscar...

(Sophia dando-lhe ordens em segredo que elle ouve rindo e sahe, Sophia vae pôr o embrulho n'uma mesa ao fundo.)

CAPITÃO *(Solemne para a mulher)*

Senhora D. Leocadia aproxime-se. Creio que a Providencia quer valer-lhe d'esta vez.

D. LEOCADIA

Ah ! bem haja a Providencia.

CAPITÃO

Ainda não. Não dê ainda graças... Vou primeiro interroga-la, e livre-se de occultar-me a verdade. *(Para Frederico)* Subo a minha casa onde vou interrogar esta senhora e se averiguar a verdade das informações que acabo de receber voltarei trazer as satisfações que dever ao meu amigo, prompto ainda assim a desenganar quem puzer em duvida a minha coragem.

FREDERICO

Mas que é isto? O que significa tudo isto? Quem é?

SOPHIA

E' o Sr. capitão Beltrão e sua esposa nossos vizinhos do quarto andar. Queira acompanhál-os e eu explico tudo já.

(Saem todos menos Sophia).

SCENA X

SOPHIA *(Só)*

Aproveitemos a ocasião.

*(Corre abrir o cofre donde tira o sapato branco, corre
atraz do sophá, descalça um sapato preto do mesmo
pé e corre pôr o sapatinho preto dentro do cofre.
Depois pega no embrulho do sapalão de D. Leocadia
na cadeira onde de proposito o tem ido quasi escon-
der para que a dona o esqueça.)*

Felizmente... ficou esta preciosidade... Ah!
que a minha vontade era dar-lhe tambem duas boas
sapatadas.

SCENA XI

SOPHIA E FREDERICO

FREDERICO

Mas afinal que gente é esta, minha senhora!

SOPHIA

Em duas palavras lh'o digo. *(senta-se)* O que de-
prehendo das explicações do seu amigo e d'esta
dama é o seguinte: Este homem é um capitão muito

valente, muito dextro no jogo das armas e ciumento da sua metade como um tigre. Tinha já grandes antipathias pelos vizinhos do primeiro andar em que antevia rivaes. Indo hoje a sahir ouviu ao guarda-portão contar a sua aventura do sapatinho de hontem, teve logo um presentimento, inspirado pelo ciume, sobe os degraus correndo, interroga a mulher, averigua que lhe falta um dos sapatinhos que ella levava ao baile hontem e lhe cahiu á entrada na carruagem e elle ahi vem. Encontrou o seu amigo, que vendo n'elle signaes que condiziam com as prevenções de V. Ex.^a a respeito d'um homem que havia de trazer-lhe aqui esclarecimentos para averiguar quem era a dona do sapatinho, tomou-o pelo proprio. O equivoco era facil por isso e porque ambos tratavam d'um sapato de setim, o homem voltou a buscar a esposa e trouxe-a para a fazer reconhecer o sapato, mas felizmente que o seu genio assomado nem deu logar a isso e foi logo buscar dois padrinhos, deixando-a aqui, para assistir ao combate; olhe ainda alli estão as espadas. N'isto arranjamos as cousas aproveitando a occasião em que o seu amigo, que coitado ! queria por força bater-se em seu lugar, sahiu buscar tambem dois padrinhos, promovemos estas informações a que o capitão agora aludio e como agora a mulher lhe mostra o sapatinho, tudo fica bem. Aqui tem como foi tudo.

FREDERICO

E ella levou o sapato ?

SOPHIA

Levou, era forçoso, mas eu que sei agora quanto para o Sr. Frederico vale um sapato mais que tudo, tanto lhe pedi que consegui que ella deixasse outro em vez d'aquelle que precisa de mostrar ao marido *(apontando o cofre)* veja

FREDERICO *(Pega no sapato)*

E' realmente irmãosinho !...

Está quente ainda.

SOPHIA

Ella descalçou-o agora mesmo.

FREDERICO

E' impossivel. Não podem ser d'aquella criatura este sapato, nem este calor. Se fossem d'ella não sentia eu esta impressão que me domina, que me attrahe com delicioso mysterio.

SOPHIA

Ora essa, se eu não visse, mas vi.

FREDERICO *(Depondo o sapato)*

E' horriavel. Isso pode lá ser !... Olhe, minha

senhora ou a harmonia não é uma lei universal ou este sapato é do seu pé e seu este calor.

SOPHIA

(Sorrindo para o lado depois com fingida tristeza)

Vê! faz-me mais doloroso ainda o sacrificio que por lealdade m'impuz.

FREDERICO

Um sacrificio !... Qual ?

SOPHIA

Senhor Frederico Vejo que o seu enthusiasmo pela belleza d'um pé, enthusiasmo que eu não comprehendendo mas respeito, é tal que nem a uma boa amiga ou uma irmã perdoaria talvez a infelicidade de ter uns pés disformes. Equivale pois a uma confissão a um desengano leal a dadiva que vou fazer-lhe d'um... sapato... meu *(começa desembrulhando o sapatão)* além d'isso *(Frederico ancioso e cheio d'esperança)* deve ser grande a sua collecção de sapatos e este irá varia-la dando relevo á formosura dos outros *(Dá-lhe o sapatão com uma mão, tapando com a outra os olhos fingindo que chora e perdida de riso volvendo o rosto para o lado; Frederico estende os braços vagarosamente pega com uma mão na ponta do sapato, outra no salto e assim boqueaberto e na maior expressão de espanto recua vagarosamente até ao sofá em que se deixa cahir).*

SCENA XII

OS MESMOS D. LEONOR E D. BELCHIOR

D. BELCHIOR *(Entrando)*

Excellentemente, estamos então livres da trovoada, muito bem. Que é isto ? Creio que viemos na boa ocasião.

(Sophia corre abraçar-se a D. Leonor fingindo chorar e perdida com riso, que a outra comprehende logo vendo o sapatão nas mãos de Frederico, e este como fulminado e ambas ficam conversando em segredo.)

D. BELCHIOR *(Correndo a Frederico)*

Que é isso meu amigo ? *(vendo o sapato)* Foste a victima da trovoada, fulminou-te esse raio ! Mas que tens, amigo ! Por Deus falla.

FREDERICO

Nada tenho. Digo-te que resolvi n'este momento fazer uma viagem. Fica tu, eu vou.

D. BELCHIOR

Viagem scientifica, estou certo. Vaes aos polos. Comprehendo, inspirou-te a ideia o navio que tens na mão. Pois meu caro, iremos todos, apressarei o meu consorcio e passarei minha lua de mel em pleno

oceano a bordo do teu sapato. Ai! é verdade, esqueçia-me, já não caso.

FREDERICO

Se não fosse pouca delicadeza seria crueldade tua para mim.

D. LEONOR

Senhor poeta, se eu ouzasse desperta-lo por um momento ás suas muzas pedia-lhe (*ouve-se a valsa no piano*) que viesse valsar commigo. Fez-se lá dentro o juramento de que a soirée começaria pela valsa mais vertiginosa em que todos sem excepção tomaremos parte.

D. BELCHIOR (*Para Sophia*)

Visto isso, vae V. Ex.^a quebrar o voto, minha senhora.

SOPHIA (*Fingindo triste*)

Que remedio?

D. BELCHIOR

Minha senhora, vou victorial-a na sua estreia.

SOPHIA

Não victoriará, porque tem de ser o meu par; (*apontando para D. Leonor*) ordens superiores.

D. BELCHIOR

E' adoravel o primeiro despotismo da minha soberana *(saudando galantemente D. Leonor e á parte)* Ah! lá esquecia outra vez!

(Dá o braço á Sophia e sahem).

SCENA XIII

D. LEONOR E FREDERICO

D. LEONOR

Quer ver como tenho norte para essas nuvens? Uma vez que as suas melancholias são tão pouco amaveis para commigo e com o seu amigo, que a noticia do nosso casamento as não vence, dou-lhe a noticia d'outro casamento de pessoa que soube melhor captivar-lhe a sua amisade.

FREDERICO *(Ansioso)*

De quem minha senhora...

D. LEONOR

Que! Pois não adivinha...

FREDERICO

Ella?... ella?

D. LEONOR

Ahi está uma confissão bem ingenua. Pois bem é com effeito d'ella que fallo. Agora mesmo me foi pedida a sua mão.

FREDERICO

E ella... consente?

D. LEONOR

Ella ha-de obedecer-me ainda que tenha de sacrificar alguma saudade...

FREDERICO

(Estorcendo-se de desespero, depois deliberado)

Ah! mas é impossivel. E eu? e eu?

Bem, minha senhora, tambem eu lhe peço a mão de sua afilhada.

D. LEONOR *(Apertando-lhe as mãos)*

E eu de todo o coração lh'a dou, é a completa realisação do meu sonho... A mão lhe dou eu... mas o...

(Indicando o sapatão sobre o sofá)

FREDERICO *(Consternado)*

Ah! E' verdade!... Ella assim... é horrivel *(apaixonado)* mas ella d'outro é impossivel... Quem é

elle? *(com ciúme e raiva)* D. Jorge de Lemos... estou certo.

SCENA XIV

OS MESMOS E D. BELCHIOR *(Correndo)*

D. BELCHIOR

Frederico, Frederico?

(Detendo-se ante a attitude feroz de Frederico)

Homem, isso é roubado... o plagiario és tu. Essa cara, esses olhos, essa attitude, tudo isso não é teu... tu não és tu, tu és o capitão Beltrão.

D. LEONOR *(Rindo às gargalhadas)*

Efectivamente é ciumento como o capitão.

D. BELCHIOR

Corre meu amigo. Abre essas azas que vou pegar-te, nem mais nem menos, que em pleno empirio. A bemaventurança t'espera, sim tu já contavas com ella bem sei. Sophia é um primor a valsar. Veio o conde d'Emoriz pedir-lhe uma volta, e... não digo mais... Deem-me ether, saes deem-me cousas para os desmaios. Frederico, faço questão d'um desmaio, tu deves-me um desmaio.

FREDERICO

Mas que loucura é essa ?

*(Daniel entra).*D. BELCHIOR *(Arrastando-o)*

Vem, vem, vem.

(Sahem).

SCENA XV

D. LEONOR E DANIEL

D. LEONOR

Não quero perder aquella surpresa.

(Sem ver Daniel, vai a sahir)

DANIEL

Oh ! Minha senhora ; deixe-me beijar-lhe os pés minha fidalga e minha ama ; que alegria para o pobre velho, minha senhora. O Sr. D. Duarte mandou chamar-me e tudo me contou, assim como me disse que o seu maior gosto seria que o Sr. Conde viesse a cazar com a senhora Viçcondessa. Bem dizia eu que aquillo era fidalga de lei e até ainda muito parente do meu amo ; ah ! minha senhora, veja V. Ex.^a se...

D. LEONOR

Mas de que conde falla, Daniel ?

DANIEL

Ah! sim V. Ex.^a ignora. E' preciso, diz o Sr. D. Duarte, que continue o segredo tanto para a senhora viscondessinha como para o Sr. Conde. Mas, saiba V. Ex.^a que a mesma ideia, (ora veja se isto não foi obra mesmo da Providencia!) a mesma ideia que teve a senhora Viscondessa de Valdomar de se fazer passar por pouco mais de criada de V. Ex.^a, para não cahir nas mãos d'algum marido que a desposasse, não pelo seu merecimento mas pela sua grande riqueza e pela sua brilhante posição, teve o meu amo o Sr. Conde da Trofa, um dos mais nobres fidalgos d'estes reinos, fazendo-se passar por um pobre e obscuro camponez que tudo devia á generosidade do Sr. D. Belchior, que justamente ao contrario não tem familia nem posição e tudo deve á amisade do Sr. Conde.

D. LEONOR (*Surprehendida*)

Ora essa! mas q'impostura!... Como representavam!

DANIEL

V. Ex.^a tem de lhe perdoar esse crime.

D. LEONOR

Isso é verdade? Então o Sr. Frederico é que é...

SCENA XVI

OS MESMOS E D. BELCHIOR

D. BELCHIOR (*Contentissimo*)

Lá está doido, perdido. Lá anda a valsar com ella. Quando lhe viu os pésinhos... ficou... mas que misterio fazia ella d'aquellas formosuras.

D. LEONOR

• Faça-se-lhe justiça A affeição séria triumphou enfim do capricho d'artista. Pediu-me a mão d'ella mesmo antes de ver que Sophia tem uns pés bonitos.

D. BELCHIOR

Bravo!

DANIEL

Quem minha senhora? Mas então está tudo feito, minha senhora. Ha muito tempo que meu amo morre d'amores pela senhora Viscondessinha, e se ella...

D. BELCHIOR

Que trapalhada estás tu a fazer, velhote?! Não se falla da Viscondessa é da menina Sophia, as tuas grandes sympathias

D. LEONOR

Já hoje eu quiz fazer-lhe esta declaração e Sophia

impediu-me. E' uma historia como a do Frederico, e a sua Sophia é nem mais nem menos que a afamada Viscondessa de Valdomar, senhora d'um nome e d'uma fortuna em que de certo terá ouvido fallar.

Teve a mesma ideia do seu amigo, o sr. conde de Trofá, e como até aos 9 annos viveu na aldeia e d'então até agora em Londres, facil lhe foi seguir o seu capricho, a que o tio, louco por ella como é, teve de ceder e eu tambem, que tenho n'aquella casa o papel correspondente ao de D. Belchior aqui; sómente sou prima direita de Sophia e tenho uma fortuna pequena, mas independente.

D. BELCHIOR

Perdão minha senhora, tambem eu queria...

SCENA XVII

OS MESMOS E SOPHIA

SOPHIA *(Que entra a rir e fatigada de valsar)*

Ah! minha madrinha o que perdeu!! O seu amigo D. Belchior, creio que tem um acesso de loucura.

(Senta-se no sofa).

DANIEL

Já acabaram as madrinhas e as afilhadas, senhora Viscondessinha enganadora, já se cá sabe.

(Sahe).

SOPHIA *(Surprehendida para D. Leonor)*

O que é?

D. LEONOR

Basta, calla-te... já te explico. Ahi vem Frederico.

SCENA XVIII

OS MESMOS E FREDERICO

FREDERICO *(Exaltadissimo e só para D. Belchior)*

Belchior, não volto á sala. Vae dizer a D. Jorge de Lemos que desejo fallar-lhe depois que saiam todos.

D. BELCHIOR *(Comicamente ouvindo todos)*

Sim, capitão Beltrão, e é á espada ou á pistola?

FREDERICO

Não gracejes, por Deus.

D. BELCHIOR

Minhas senhoras, aqui se armou nova trovoadá, entoe uma de V. Ex.^{as} a magnificat ou *(Para Frederico)* esta nuvem desfaz-se em raios.

D. LEONOR

Eu a dissipo. Sr. Frederico foi gracejando que minha afilhada lhe respondeu como ainda indecisa, quando segundo ella me disse agora, V. Ex.^a lhe perguntou a sua tenção a respeito do pedido de D. Jorge de Lemos. A verdade é que quando lhe communiquei o pedido de D. Jorge ella recusou immediatamente.

FREDERICO *(Para Sophia)*

Mas V. Ex.^a disse-me...

SOPHIA

Sim, disse. E' que tinhamos cá umas contas antigas.

"Pega no embrulho que na scena X recebeu de Daniel e senta-se"

FREDERICO

Mas que mal lhe fiz eu para merecer-lhe essa crueldade que não foi talvez a peor.

SOPHIA

Custou-lhe mais a do sapatão?... Pois bem, já me perdoou uma, vae perdoar-me a outra. Agora dou-lhe um sapato de veras meu.

FREDERICO

E' isto? (*pedindo o embrulho*).

SOPHIA

(*Desembrulhando-o e retirando-lho*)

Nada, nada, nada, este não. E' o que ahí tem no cofre. Este ha-de o meu noivo calçar-m'o ao transpor o portico do templo.

FREDERICO

N'esse caso minha senhora, peço-lho de novo (*ajoelhando*) mas assim, que é de joelhos que aos mensageiros do ceo se pede a felicidade.

SOPHIA

Não ouse responder-lhe já. Que esta indecisão o não offenda, que bem ha-de o coração dizer-lhe que para isso tenho de reprimir o impeto e as impaciencias do mais apaixonado affecto. Mas, Sr. Frederico, é demasiadamente, e cruelmente coherente! Não é a... minha mão, é o meu pé que me pede.

D. LEONOR

E's injusta.

D. BELCHIOR

E' sim, minha Senhora, muito injusta, porque elle antes d'entrar no templo das suas adorações a pedir o pé á sua divindade, cá fora submetteu-se ás leis ordinarias da vida e pediu a sua madrinha a mão de V. Ex.^a... Conceda-lhe pois, minha Senhora, o pé d'esposa.

SOPHIA

Mas isso... antes de... ver o pé?

D. LEONOR

Mais ainda. Acreditando que esse sapato *(apontando o sapatão)* era o teu.

SOPHIA *(Dirigindo-se para Frederico)*

(Com ternura) Oh! então... *(subito suspende-se)* Sim, mas foi pensando que eu concederia a minha mão a D. Jorge de Lemos. Foi por ciume, não foi por amor.

FREDERICO

E ha ciume sem amor?

SOPHIA

Creio que não. Mas pode haver amor sem ciúme, que é o ideal da felicidade... E... francamente, eu hei-de expôr-me a ter ciúmes de quantos pés bonitos possa encontrar?... Hei-de homisiar meu marido quando Madame Aline me mostre um figurino de vestido curto?

Hei-de fecha-lo em casa ou pregar-lhe no nariz uma luneta de aumento, em dias d'humidade nas ruas e nos passeios?

D. BELCHIOR *(Pegando no sapatão)*

Não, minha senhora. São justos os seus receios. Mas o expediente está á mão, *(para Frederico)* á mão, como quem diz, ao pé *(mostrando o sapato)* Ei-lo aqui. Uma roda de cada lado. Bussola. Uma chaminé e um léme... e barra fora.

Em taes casos, minha senhora emigra. Vae para Londres. Vae para a terra do pé inglez.

FREDERICO *(Rindo)*

Inutil. A rivalidade é impossivel. Escute, Sophia, encantam-me todas as suas formosuras, mas quem eu adoro é a sua alma, e de quem eu sou, é d'ella. Não creio que haja, é verdade, pés tão lindos como os seus, que assim nem a sonhar os eu vi nunca, mas se existem faltar-lhes-ha o primeiro encanto dos seus; é o serem seus.

SOPHIA

Sabe? faz-me feliz, ah ! muito feliz, mas *(sorrindo)*
toda a prudencia é pouca.

(Toca a campainha).

SCENA XIX

OS MESMOS E DANIEL *(Entrando)*

SOPHIA

Já veio a resposta Daniel ?

DANIEL

Sim, minha senhora. O contramestre respondeu
que a fôrma foi feita expressamente para V. Ex.^ª,
por não haver outra exacta, e que só uma senhora
em Lisboa calça por aquella fôrma.

FREDERICO *(Precipitadamente)*

Quem é ! Não disse o nome ?

SOPHIA *(Rápido)*

Ah !...

FREDERICO

Ah ! perdão, foi machinalmente.

DANIEL

Diz que é a senhora Viscondessa de Valdomar.

FREDERICO

A Viscondessa de Valdomar!!

SOPHIA

Quer conhece-la! pois bem... *(sorrindo)* serei generosa, consinto que s'enamore dos pés da Viscondessa de Valdomar, pode adoral-os.

(Daniel sahe).

D. LEONOR

Pode sim... porque sei decerto que a Viscondessinha está noiva d'um primo que a adora, o conde de Trofa. E então...

SOPHIA *(Irrefletidamente)*

Longe vá o agouro. Eu noiva do meu primo! Um doido! Um estroina!

D. BELCHIOR

Isso, minha senhora. Um doido! Um presumido! Muitissimo maçador.

SOPHIA

Vê!...

D. BELCHIOR

Sim minha senhora, demais a mais desacreditado. Faz versos, minha senhora, e sabe-o já toda a gente... Um homem que em vez d'andar nos pés, como toda a gente, anda sempre atraz d'elles !

FREDERICO

Que ! pois é possível ! E' a Viscondessa de Valdomar ? ! Sophia... é verdade, é o nome de minha prima... Foi pois um disfarce como o meu ?...

D. BELCHIOR

E determinado pela mesma ideia...

SOPHIA *(Surprehendida e contente)*

E' então o conde de Trofa ? Meu primo...

FREDERICO

Para todos... Para si serei sempre Frederico, aquelle que pela sua apaixonada dedicação sómente, soube conquistar...

SOPHIA *(Dando-lhe o sapatinho)*

O sapatinho !...

FREDERICO

Não sómente o sapatinho, que agradeço assim, *beijando-o* mas tambem..

D. BELCHIOR

O sapatão.

FREDERICO

Mas tambem a felicidade do ceu, de que elle é a encantadora promessa, uma vez que destinado ao seu noivo (*colocando-o sobre o coração*) elle me diz aqui ao coração, que o seu noivo sou eu.

SOPHIA (*Dando-lhe a mão*)

Será sua a minha vida como a minha alma é sua toda (*depois abraçando D. Leonor*) Porque estás triste? Por ventura encobre a tua a minha felicidade?

D. LEONOR

Pede ao Sr. D. Belchior a explicação.

D. BELCHIOR

A felicidade, minha senhora, não vem senão aos que Deus bem fadou. A felicidade pode vir ás vezes como um sonho, mas como um sonho se desfaz, se a não sanciona Deus com a sua benção, e a benção de Deus, senhora Viscondessa, só pode baixar a corações honestos e dignos. Por isso (*entra Daniel*, V. Ex.^{as} vão ser felizes; por isso a senhora D. Leonor tem direito a ser feliz; por isso o meu sonho de felicidade se dissiparia, se por elle m'esquecesse de

que não pode Deus abençoar almas que desprezaram e perderam já a sua primeira benção, a estima propria. Renunciei pois á mão da senhora D Leonor, porque não posso, não devo aspirar a ella, não se dissipará o meu sonho como uma illusão, guardalo-hei como uma saudade.

SCENA XX

OS MESMOS E DANIEL

SOPHIA

Mas como podia ha pouco e não pode agora aspirar á mão de minha prima? Será tambem por não lhe ter visto o pé?

DANIEL

Não, minha senhora. E' porque ella é rica e elle pobre. Enquanto se julgou senhor da metade do premio grande da loteria hespanhola, entendeu que sem melindres podia pretender a mão da senhora D. Leonor; como o premio era uma illusão, desiste por melindres e bens louvaveis, bem honrados são elles. Mas os velhos são a providencia dos novos, que assim o quer a verdadeira providencia, *(sorrindo)* e então em se juntando dois velhos a conspirar não

ha rapazes, que lhes resistam. Eu ouvi o bastante para perceber a resolução do Sr. D. Belchior e tudo fui contar ao Sr. D. Duarte, que m'envia a annunciar a V. Ex.^{as} que sendo a senhora D. Leonor a sua sobrinha menos rica, a tem nomeada em seu testamento herdeira unica da sua grande fortuna, mas que esse testamento será rasgado no dia do casamento da senhora Viscondessa com o Sr. Conde meu amo, se no mesmo dia, e ao mesmo tempo, não tiver logar o consorcio da senhora D. Leonor com o Sr. D. Belchior. *(Rindo para D. Belchior)* E agora ?

SOPHIA *(Abraçando D. Leonor)*

Que felicidade !... que alma generosa ! Diz bem, meu bom Daniel, os velhos são a providencia dos novos.

DANIEL

O' minha senhora *(quer ajoelhar)* Deixe-me chamar-lhe já senhora Condessa e beijar-lhe a mão, minha fidalga.

FREDERICO

Tambem quero que me abrace Daniel, mas no teu abraço tem quinhão a minha noiva. *(Para Sophia)* Sophia, elle tem-me feito as vezes de pae, seja n'um abraço d'elle a nossa primeira união... seja..

(Reflecte um momento e recita).

Ha misterios infinitos
no poder da sympathia !...
era sina, quem diria
meu amor aos pés bonitos.

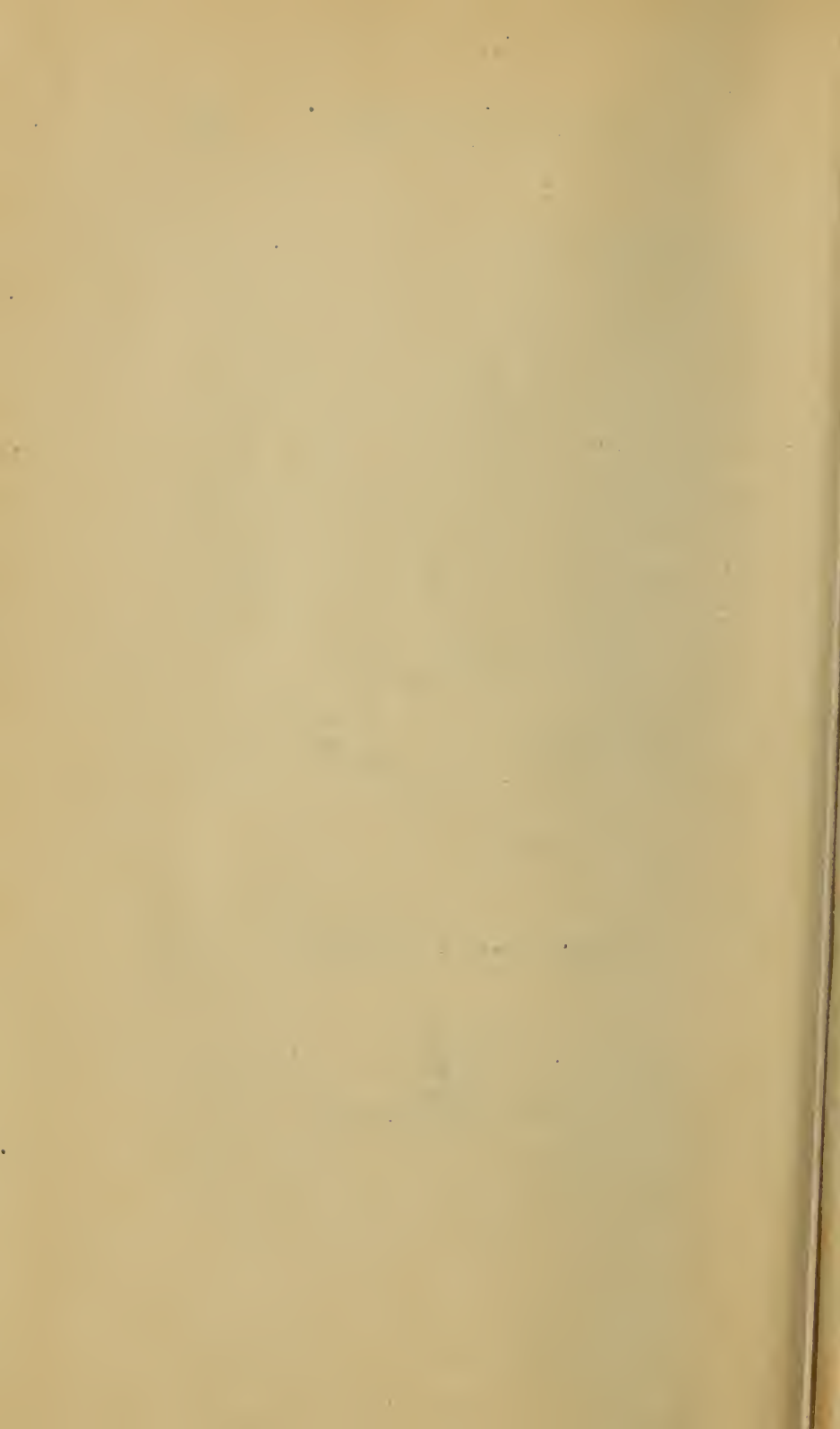
Era a voz do meu destino
a dizer-me: «vae, procura...
«terás n'um pé pequenino
«teu guia para a ventura.

E eu então sem consciencia
d'essa minha boa sorte,
pelos mares da existencia
segui sempre este meu norte.

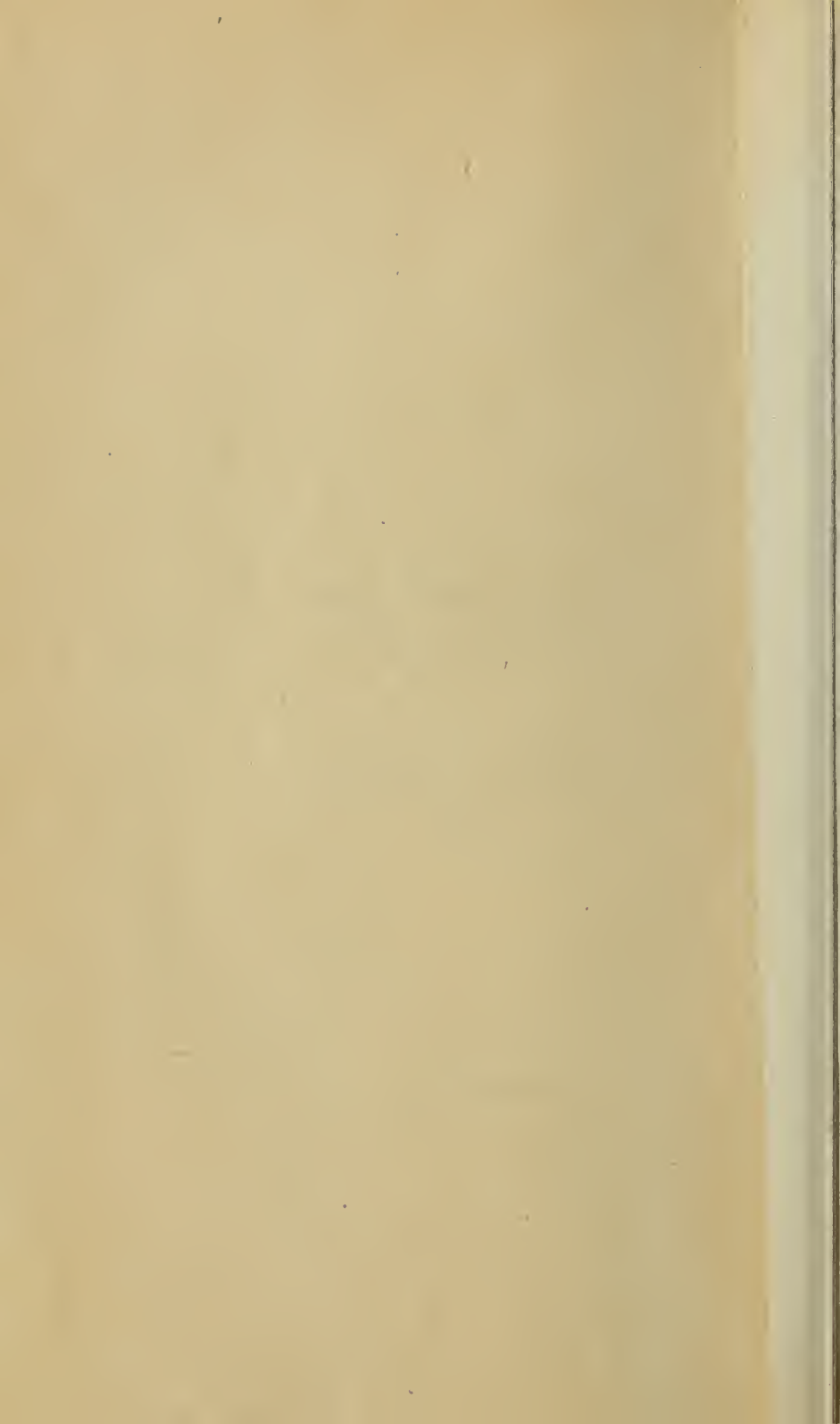
A ventura peregrina
dos meus sonhos... ei-la emfim...
Revelou-m'a, que era a sina,
um sapato de setim.

FIM DO 3.º ACTO





AOS
29 DE ABRIL
DE MIL NOVECENTOS E QUINZE
ACABOU-SE DE IMPRIMIR
ESTE LIVRO
NA
OFICINA TIPOGRAFICA
41, RUA DOS RETROSEIROS, 43
LISBOA



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

PN

0032224

22-984

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 02 25 05 022 1